

MANUAL

de trabalhos acadêmicos

Centro Universitário
Adventista de São Paulo

Faculdade Adventista
de Hortolândia

UNASPRESS

Imprensa Universitária Adventista
1ª edição - 2013



Centro Universitário Adventista de São Paulo

Fundado em 1915 — www.unasp.edu.br

Missão: Educar no contexto dos valores bíblicos para um viver pleno e para a excelência no servirço a Deus e à humanidade.

Visão: Ser uma instituição educacional reconhecida pela excelência nos serviços prestados, pelos seus elevados padrões éticos e pela qualidade pessoal e profissional de seus egressos.

Administração da Entidade Mantenedora (UCB)	Presidente: Domingos José de Souza Secretário: Emmanuel Oliveira Guimarães Tesoureiro: Élnio Álvares de Freitas
Administração Geral do Unasp	Reitor: Euler Pereira Bahia Pró-Reitora de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão: Tânia Denise Kuntze Pró-Reitora de Graduação: Sílvia Cristina de Oliveira Quadros Pró-Reitor Administrativo: Élnio Álvares de Freitas Secretário Geral: Marcelo Franca Alves
Campus Eng. Coelho	Diretor Geral: José Paulo Martini Diretor de Graduação: Afonso Ligório Cardoso Diretora de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão: Francisca Pinheiro da Silveira Costa
Campus São Paulo	Diretor Geral: Hélio Carnassale Diretor de Graduação: Ilson Tercio Caetano Diretor de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão: Marcos Natal de Souza Costa
Campus Virtual	Diretor Geral: Valcenir do Vale Costa
Faculdade de Teologia	Diretor: Emilson dos Reis Coordenador de Pós-Graduação: Roberto Pereyra Suarez Coordenador Acadêmico: Ozeas C. Moura
Faculdade Adventista de Hortolândia	Diretor Geral: Euler Pereira Bahia Diretora de Graduação: Sílvia Cristina de Oliveira Quadros Diretora de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão: Tânia Denise Kuntze

UNASPRESS

Imprensa Universitária Adventista

Editor: Renato Groger

Editor Associado: Rodrigo Follis

Conselho Editorial:

José Paulo Martini, Afonso Cardoso, Elizeu de Sousa, Francisca Costa, Adolfo Suárez, Emilson dos Reis, Renato Groger, Ozéas C. Moura, Betania Lopes, Martin Kuhn

A Unaspres é sediada no Unasp, campus Engenheiro Coelho, SP.

Produção Editorial

Afonso Ligório Cardoso
Fernanda Cristina Figueira Teixeira
Francisca Pinheiro da Silveira Costa
Josiane Fujisawa Filus
Lanny Cristina Burlandy Soares
Leonardo Tavares Martins
Moisés Sanches Junior
Renato Groger
Rita de Fátima Silva
Rodrigo Follis
Vandeni Clarice Kunz

UNASPRESS

Imprensa Universitária Adventista

Caixa Postal 11 — Unasp
Engenheiro Coelho-SP 13.165-000
(19) 3858-9055

<http://unaspress.unasp.edu.br>

Editoração: Renato Groger, Rodrigo Follis
Diagramação: Bárbara Reis, Marcio Trindade
Projeto gráfico: Pedro Valença
Capa: Flávio Luis
Ilustrações: Felipe Carmo
Revisão: Juliana Castro
Normalização: Giulia Pradela

Manual de trabalhos acadêmicos
1ª edição — 2013
100 exemplares / online

Todos os direitos em língua portuguesa reservados para a Unaspress. Proibida a reprodução por quaisquer meios, salvo em breves citações, com indicação da fonte.

Todo o texto, incluindo as citações, foi adaptado segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em 1990, em utilização desde janeiro de 2009.

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Manual de trabalhos acadêmicos / Francisca Costa (org.) . — 1 Ed. — Engenheiro Coelho, SP : Unaspress -
Imprensa Universitária Adventista, 2013. — (Série metodologia de pesquisa, 2)

ISBN impresso: 978-85-89504-68-3

ISBN online: 978-85-89504-69-0

1. Pesquisa - Metodologia - Estudo e ensino 2. Redação técnica I. Costa, Francisca. II. Série.

12-05046

CDD-001.4207

Índices para catálogo sistemático:

1. Metodologia da pesquisa : Estudo e ensino 001.4207
2. Pesquisa : Metodologia : Estudo e ensino 001.4207

Sumário

7	Eficácia nos estudos
13	Ler e aprender
23	Trabalhos acadêmicos
41	Produção e trabalhos científicos
63	Princípios de comunicação
71	Formatação da produção científica
103	Referências

Q
F
E
G
Q
F
E
F
E
F
E
G

MÓDULO 1

QWERTYUIOPLJHC AZXCVBNMQW
FDSAZXCVBNMQV YUIOPLKJHGFD
ERTYUIOPLKJHGFD SAZXCVCBNMQW
GFDSAZXCVBNMQWERTYUIOPLKJHC
QWERTYL <CVBNMQW
FDSAZXC **Eficácia nos estudos** >PLKJHGFD
ERTYUIO, LKJHUI, DSAXZACVCBNMQWE
FDSAZXCVBNMQWERTYUIOPLKJHGFD
ERTYUIOPLKJHGFD SAZXCVCBNMQWE
FDSAZXCVBNMQWERTYUIOPLKJHGFD
ERTYUIOPLKJHGFW SAZXCVCBNMQW
GFDSAZXCVBNMQIERTYUIOPLKJHG

Iremos apresentar neste módulo algumas dicas para você ter sucesso em seus estudos como graduando. Entretanto, cabe principalmente a você e a sua força de vontade conseguir ser um bom estudante. Já que você escolheu ser um estudante universitário e optou por estar aqui no Unasp, empenhe-se para crescer em seus estudos e conte conosco para isso. Então, vamos começar?

1.1 Pensamento crítico e científico

A chegada ao ensino superior é uma fase de grandes mudanças para os estudantes, e deve ser encarada como um momento de conscientização de que o conhecimento adquirido nessa etapa não deverá ser meramente um cumprimento de requisito curricular, que passará por alguma forma de avaliação acadêmica. Trata-se de um aprendizado para a vida e, como tal, deve gerar um sentimento de independência na busca e processamento das informações. Assim, sua motivação deve basear-se no desejo de explicar algo que lhe pareça interessante ou problemático, assim como, na sensação de que alguma informação significativa está faltando e que você deverá aprender formas de preencher essas lacunas.

O processo de busca, interpretação e crítica de informações, consiste na concepção de ideias na medida em que essas informações são localizadas, lidas ou ouvidas. E o processo continua com novos questionamentos e com a necessidade de mais buscas e mais esclarecimentos, tornando-se um ciclo dinâmico e contínuo.

8

Embora os estudantes possam esquecer de muitas das informações encontradas nesse período, os conceitos e habilidades adquiridos no processo de busca, análise e interpretação dos fatos costumam permanecer e expandir-se para além da vida acadêmica, sendo transferidos para outras situações da vida cotidiana. Portanto, não fique satisfeito apenas com aquilo que você ouve em sala de aula: questione, participe, busque algo mais. Desenvolva a criatividade. Não tenha pressa, pare para refletir. Lembre-se de que, apesar de você viver na era do imediatismo da TV e da Internet, esse imediatismo pode ser ilusório. Mesmo por trás das imagens instantâneas que aparecem na TV há horas de planejamento, produção, pesquisa, estudo, aprendizado. Por trás dos cliques na internet há horas de programação, planejamento, *design*, estudos e testes. Se ocorre assim com as coisas mais supérfluas apresentadas nas mídias eletrônicas, por que então seria diferente com o seu preparo profissional, que é bem mais complexo e importante do que o entretenimento eletrônico?

1.2 Qualidade de vida e estudo

Para alcançar eficácia nos estudos, o estudante deve ter alguns cuidados com seu corpo, pois a sua condição física certamente exerce influência sobre a sua mente.

É oportuno destacar algumas recomendações que Ellen G. White (2008) já fazia aos estudantes no início do século 20. Tal autora foi muito clara ao apontar a

indissociabilidade entre o corpo e a mente e a necessidade de haver equilíbrio entre atividades mentais e físicas, o que traria um intelecto mais fortalecido e um corpo mais resistente a doenças. Em resumo, uma melhor qualidade de vida e melhores resultados na sua vida acadêmica estão ao seu alcance se atentar para os seguintes cuidados:

- » *Posição ereta:* não apenas a sua coluna agradecerá, mas também a sua autoestima. Uma posição ereta naturalmente lhe dará um maior senso de dignidade pessoal;
- » *Respiração correta:* respirar profundamente estimula a circulação do sangue e, por consequência, melhora a oxigenação do cérebro. Além disso, melhora o sono, tranquiliza e revigora o corpo e a mente;
- » *Dicção da voz:* quando for falar, procure usar uma correta respiração através dos músculos abdominais. Isso irá expandir e fortalecer os pulmões e melhorar a sua resistência a doenças;
- » *Vestuário:* evite usar roupas apertadas; elas dificultam os movimentos, a respiração e a circulação do sangue;
- » *Asseio pessoal e do ambiente:* você verá que o seu estudo renderá mais se você estiver limpo, cheiroso, penteado, num local ventilado, organizado e iluminado, de preferência com a luz natural do sol;
- » *Alimentação saudável:* tenha horários certos e regulares para as suas refeições. Evite comer o tempo todo, pois o seu aparelho digestivo precisa de descanso. O horário das suas refeições deve ser tranquilo, sem pressa, num local agradável, limpo, arejado e iluminado. Dê preferência a frutas, verduras, cereais integrais, nozes e castanhas. Se você for estudar após uma refeição, não se empanturre. Evite gorduras saturadas (de origem animal) e estimulantes (café, coca-cola, guaraná), condimentos, e também prefira não comer doces, nem beber algo junto com a refeição. A combinação desses fatores fatalmente tornará a digestão mais difícil e lenta. Como resultado você provavelmente se sentirá incontrolavelmente sonolento quando quiser estudar;
- » *Beba muita água:* no máximo meia hora antes e, no mínimo, uma hora depois das refeições. Busque tomar pelo menos de 1,5 a 2 litros por dia;
- » *Durma o suficiente:* o sono é indispensável para a saúde mental de qualquer pessoa. É durante o sono que ocorre a consolidação da memória. Preferencialmente, durma cedo e acorde cedo. Você terá melhor rendimento durante o seu dia e também nos seus estudos;

» *Pratique exercícios físicos e tenha momentos de lazer:* o trabalho e o estudo em excesso são prejudiciais. Você precisa, tanto quanto possível, levar uma vida equilibrada. Visite um museu, faça um passeio pelo parque, escute música, namore, assista a um concerto, ande de bicicleta ou simplesmente limpe a calçada ou saia para caminhar com o cachorro. Coloque na sua agenda tempo para se exercitar e tempo para se recrear, para se distrair, para estar ao ar livre. Mas faça isso com regularidade e constância. Para reforçar a importância desse último aspecto, as palavras de White (2008, p. 209, 213) são mais do que eloquentes:

Os que dão a devida atenção ao desenvolvimento físico farão maior progresso nos ramos intelectuais que se seu tempo todo fosse dedicado aos estudos [...] A atenção dispensada ao recreio e à cultura física, indubitavelmente, por vezes interromperá a rotina usual do trabalho escolar; esta interrupção, porém, não se revelará como um verdadeiro estorvo. Será centuplicadamente pago o emprego do tempo e esforço no sentido de robustecer o espírito e o corpo.

Vale a pena você tentar aplicar essas dicas. Certamente você conseguirá um rendimento acadêmico melhor se estiver se sentindo bem e com saúde. Afinal, seguir recomendações simples de prevenção é melhor do que enfrentar consequências mais sérias que poderiam inclusive interromper temporariamente suas atividades acadêmicas (ex: doenças).

10

1.3 Atitude de aprendizado

Cuidar-se para estar bem é o primeiro passo. Mas não é o suficiente. De nada adiantaria Carl Lewis (importante corredor, ganhou nove medalha de ouro) apenas cuidar de sua saúde e qualidade de vida se não desenvolvesse também o desejo de treinar, a disposição de andar a segunda, terceira ou quarta milha; enfim, de fazer tudo ao seu alcance para atingir a vitória. Assim também é com você. É necessário que agora, ainda no início do curso, você avalie bem a sua situação, avalie a si mesmo, as suas condições e tome algumas resoluções. É preciso que desde agora você decida querer aprender e, obviamente, estar disposto a pagar o preço que isso representará nos próximos anos.

É preciso que fique bem claro que fazer um curso superior exige que você estude. Por mais que você leve uma vida atribulada com muitos compromissos e pressões de trabalho ou família, você obrigatoriamente precisa encontrar tempo para estudar. Não há atalhos. O aprendizado precisa de tempo para acontecer. Você precisa ler e, depois de ler, refletir, criticar e aplicar o que leu. Isso não ocorre instantaneamente, num passe de mágica. É preciso “digerir”, “maturar”, “raciocinar”. Veja algumas recomendações de Ruiz (2002) que ajudarão você a achar o melhor momento para estudar e, assim, aproveitar bem o seu tempo:

A primeira dica pode se resumir na seguinte frase: *planeje tempo para estudar*. Planejar não precisa ser algo complicado e podemos dar alguns exemplos de como fazer isso em relação ao estudo. Então, vamos a eles!

- » Pegue uma folha ou abra uma planilha em seu computador para cada dia da semana. Em cada uma, abra quatro colunas, identificando-as como: atividades, hora de início, hora de término e tempo de duração;
- » Para cada dia da semana, preencha a primeira coluna com todas as atividades que você desenvolve durante o dia, desde a hora em que acorda até a hora em que vai dormir, incluindo as atividades de lazer; em seguida, indique a hora em que costuma iniciar cada uma dessas atividades e a hora em que costuma terminar; finalmente, marque na última coluna o tempo gasto com cada atividade, obtido da diferença entre a hora de início e término;
- » Faça uma análise detalhada de quanto tempo você gasta com cada atividade e procure identificar em quais delas você poderia gastar menos tempo; Se conseguir 10 minutos adicionais em cada dia, no final de uma semana isso vai representar 70 minutos, no final de um mês 280 minutos ou 4 horas e 40 minutos de estudo; isso sem contar o tempo extra que você poderia obter nos finais de semana.

A segunda dica é a seguinte — *programe-se e siga a programação*: procure seguir rigorosamente a sua agenda com os períodos previstos de trabalho, estudo e lazer. É neste ponto que entra o exercício da sua perseverança e domínio próprio. É a hora de vencer a preguiça, a vontade de aumentar o período de lazer e descanso, de sacrificar algumas coisas. É hora de lutar consigo mesmo. Assim, você aproveitará melhor o seu tempo e a sua vida vai se tornar menos cansativa, por mais que você tenha muitos compromissos. Se você não usar o tempo da maneira que programou, os resultados desta falta de determinação e organização serão bem visíveis na sua disposição, saúde, aparência e no seu histórico escolar.

Prepare-se para a aula é a terceira dica: no início de cada disciplina, os professores entregam os programas ou plano das aulas. Aprenda a valorizar e utilizar esse documento, pois ele indica a sequência dos conteúdos a ser tratados durante o semestre, define os critérios e datas de avaliação e indica a bibliografia básica da matéria. Assim, você tem como saber, com antecedência, qual será o conteúdo tratado na próxima semana. Com o auxílio da bibliografia básica, antes da aula, leia sobre o conteúdo que será tratado. Essa é uma leitura que, em geral, não tomará muito do seu tempo, pois o propósito não é tirar todas as dúvidas e entender o assunto por completo; A ideia é que quando chegar à aula sobre aquele conteúdo, você já tenha noção do que se trata e aproveite a exposição em sala de aula para tirar as

dúvidas e esclarecer aspectos que você, ao ler previamente sobre o assunto, não havia compreendido. A aula será muito mais rica porque você terá condições de fazer perguntas pertinentes, coerentes e inteligentes. Dessa forma, o aproveitamento do seu tempo de aula será multiplicado.

A quinta dica é — *aproveite o tempo em sala de aula*: o maior tempo de estudo de que todo aluno dispõe é o tempo em que ele fica em sala de aula. Por isso, se você não dispõe de muito tempo para estudar em casa, use bem o tempo de sala de aula. Para começar, esteja presente, de corpo e mente. Colabore com o bom andamento da aula. Lembre-se: o professor precisa das condições adequadas para fazer um bom trabalho, sendo assim, interrupções constantes, conversas excessivas, perguntas fora de tempo e lugar e apatia prejudicam a concentração de todos. Por isso, além de ir às aulas e colaborar com o silêncio, é importante chegar a tempo, manter-se atento, evitar entrar e sair da sala de aula e, se isto for realmente necessário, fazê-lo com a maior discrição possível. Enfim, você deve colaborar para que o ambiente da sala de aula seja adequado tanto para o professor quanto para os demais alunos. Promova em sala de aula um ambiente de interesse e respeito e você terá aulas mais proveitosas e interessantes.

12

A última dica, e uma das mais valiosas, é a seguinte — *revise o que você acabou de estudar*: depois da aula, revise o assunto. Verifique se restou ainda alguma dúvida. Faça uma análise crítica do assunto e, mais importante do que simplesmente perguntar, formule as suas próprias respostas, posicione-se, forme a sua opinião sobre o tema. É o momento de você fazer uma síntese ou de processar tudo o que estudou de tal forma que o resultado final seja uma visão mais abrangente e completa.

MÓDULO 2

QWERTYUIOPLKJH(?XCVBNMQW
FDSAZXCVBNMQV 2 JIOPLKJHGFD
ERTYUIOPLKJHGFD SAZXCVCBNMQW
GFDSAZXCVBNMQWERTYUIOPLKJH()
QWERTYU <CVBNMQW
FDSAZXC' **Ler e aprender**)PLKJHGFD
ERTYUIO. ERJHGFD SAZXCVCBNMQWE
FDSAZXCVBNMQWERTYUIOPLKJHGFD
ERTYUIOPLKJHGFD SAZXCVCBNMQWE
FDSAZXCVBNMQWERTYUIOPLKJHGFD
ERTYUIOPLKJHGFW SAZXCVCBNMQW
GFDSAZXCVBNMQIERTYUIOPLKJHG

Neste módulo você irá receber várias dicas sobre como ler um texto. O sucesso de seus estudos universitários estará muito ligado a sua capacidade de leitura. Assim, se você ainda não tem um bom ritmo de leitura, atente-se para as dicas deste módulo. Mas se você já se considerar um excelente leitor, acreditamos que encontrará aqui alguma dica para ser ainda melhor.

É possível afirmar que leitor é aquele que ao final de um texto (ou parte dele) consegue responder à questão: sobre o que acabei de ler? Se você não souber responder a tal questão, isto implica em reconhecer que não compreendeu a leitura, não entendeu o que leu. Dessa forma, o ato de ler exige concentração, reflexão e, ainda, procedimentos e/ou técnicas que envolvem a análise, síntese, interpretação, juízo de valor. Você precisará ler muito na universidade, não tem como fugir dessa realidade. Por quê? O fato é que a maior parte do conhecimento científico se encontra em forma escrita, e sem leitura não existe universidade. Mas isso gera alguns problemas. White (2008, p. 189) diz o seguinte:

Com a imensa maré de material impresso a derramar-se constantemente do prelo, velhos e jovens formam o hábito da leitura apressada e superficial, e a mente perde a sua capacidade para um pensamento contínuo e vigoroso.

14

Você consegue se ver na declaração acima? Embora ela tenha sido escrita mais de um século atrás, continua extremamente atual. Poderíamos ainda atualizar a fala da autora acrescentando todas as tecnologias e mídias relacionadas às leituras (*eBooks*, por exemplo) que cada vez mais se tornam parte da vida no século 21.

2.1 Preparo para leitura

Antes de tudo, é necessário criar um ambiente e um espírito propício à leitura. Pequenos passos são importantes:

- » *Local*: deve ser tranquilo, limpo, arejado e bem iluminado;
- » *Postura*: tente ficar longe da cama (pode te dar sono) ou da TV (algo interessante pode roubar sua atenção). Não se sente de qualquer jeito, coloque-se em uma postura adequada, caso contrário você irá se cansar rapidamente;
- » *Material*: prepare-se para o momento da leitura. Tenha a disposição caneta marca-texto, folhas de papel (um *smartphone* ou computador) para fazer anotações mais interessantes e, assim, poder voltar a elas posteriormente etc.;

- » *Trabalho*: proponha-se a ler de uma a duas horas sem interrupções. Você precisará se programar para isso;
- » *Persistência*: mesmo diante do cansaço, sono ou tédio, não desista! A criação do hábito de ler exige perseverança.
- » *Pausas*: programe-se para elas, a cada uma hora. Uma pausa de 5 a 10 minutos lhe dará mais vigor e propiciará um melhor rendimento.

2.2 O que ler?

Saber selecionar o que é necessário ler para o trabalho a ser feito é um passo importante e primordial. Certamente seus professores indicarão um rol de leituras iniciais necessárias para as aulas. Um conselho: leia sempre mais do que o recomendado. A seguir, algumas sugestões para auxiliar na escolha de bons materiais para leitura. Pergunte-se:

- » *Quanto à fonte*: quem é o autor? Ele é considerado como alguém importante (ou seja, ele é referência) dentro do tema que você quer estudar? Esse autor tem autoridade para falar do assunto? Quanto ao veículo de comunicação utilizado (revista, livro, editora, entre outros), ele é bem conceituado e reconhecido? A obra possui referências passíveis de serem utilizadas? Cuidado com os textos extraídos da internet; Lembre-se de que a internet é “terra sem dono”; portanto, dê preferência para fontes oriundas de bases de dados científicas (ex: *Proquest, Scielo, Capes*), sites oficiais de órgãos mundiais (Exemplo: ONU, OMC, Unesco), governamentais (exemplo: MEC, IBGE), empresas e universidades (exemplo: Petrobrás, USP, Unicamp, Unasp);
- » *Quanto ao conteúdo*: é pertinente à sua temática? É ético? Possui ambiguidades? Depois de passar por esse crivo, leia o título, o resumo, e também o sumário, considere as ilustrações e apresentação do trabalho através da introdução. A partir disso, será possível obter uma boa noção da seriedade e confiabilidade do material;
- » *Quanto à comparabilidade e aplicabilidade*: passando pelos dois critérios acima, seguramente temos um material confiável em mãos. Fica mais uma dica importante: se o texto relata realidades de outro lugar, época, país e/ou estado, é preciso avaliar se o conteúdo é passível de comparação e/ou aplicação às suas necessidades do seu estudo. Se a referência lhe servir meramente como informação do que aconteceu em outro lugar, talvez seja preferível priorizar outra leitura antes dessa.

2.3 Como ler

Para que você tire maior proveito de sua leitura, poderá lançar mão de algumas técnicas para se entender e interpretar um texto. Apresentam-se, a seguir, as recomendações destacadas por Severino (2011):

Delimitação da unidade de leitura: antes de iniciar a leitura é importante que você previamente defina o que e quanto pretende ler. Por exemplo, se você for ler um livro extenso, não será possível ler tudo de uma só vez. Nesse caso, você pode optar pela leitura de um capítulo inteiro por vez, sem interrupções. Assim, a sua unidade de leitura será sempre um capítulo. Obviamente, não se recomenda espaços de tempo muito grandes entre a leitura de uma unidade e a próxima. Preferencialmente, faça tudo em sequência, seguidos apenas de pequenos intervalos.

Análise textual: trata-se da primeira leitura do texto. Encontre quais são as palavras-chave mais importantes com as quais que você poderá resumir o texto (para isso, pense nos temas mais importantes ali debatidos). Identifique as palavras que para você são desconhecidas ou de significado dúbio, verifique e assinale teorias ou acontecimentos históricos que você desconhece, mas faça tudo isso, pelo menos por enquanto, sem interromper a leitura. Quando terminar de ler, procure esclarecimentos para todos esses pontos. Use dicionários, enciclopédias, trabalhos científicos; converse com especialistas, faça uma busca na internet, enfim, procure esclarecer todos os pontos antes de continuar o seu estudo. Sugere-se que, ao final dessa etapa, você elabore um esquema que represente a estruturação do texto: o que compõe a *introdução*, o *desenvolvimento* e a *conclusão*, incluindo aí todas as subdivisões de cada um desses itens;

16

Análise temática: você começa a estudar o texto mais a fundo. Procure identificar claramente qual o tema ou o assunto principal. Em geral, essa informação encontra-se de maneira mais explícita. A seguir tente descobrir o que levou o autor a escrever sobre tal temática. Esse aspecto às vezes encontra-se implícito nas entrelinhas do texto. Depois, preste atenção à maneira como o autor abordou essa inquietação sobre o assunto e como ele fez para resolvê-la. Procure encontrar respostas para as seguintes questões: Que argumento o autor usa? Que ideia ele defende? Como ele defende essa ideia ou argumento? O que ele usa para fundamentar suas afirmações: fatos, inferências? Que provas ou evidências ele apresenta? Onde ele buscou essas provas e evidências? Quais ideias secundárias ou paralelas ao tema central o autor desenvolve? Ao final da análise temática você estará apto para fazer um resumo do texto e um esquema gráfico e lógico das ideias apresentadas no texto lido.

Análise interpretativa: a intenção nessa etapa é ter um “diálogo” com o autor do texto. Procure entender como o texto lido se encaixa no que o autor já escreveu antes. Tente perceber se a posição defendida no texto é coerente com alguma tendência filosófica em específico (por exemplo: determinismo, materialismo histórico, liberalismo etc). Identifique, nas entrelinhas, que pressupostos o autor tomou para si na construção do texto. A seguir vem a fase da crítica. Avalie o texto quanto ao alcance dos objetivos propostos e sua coerência lógica e argumentativa. Considere também o nível de profundidade alcançado. Se as ideias apresentadas pelo autor estão devidamente embasadas e se são originais ou meras repetições das ideias de outros. Finalmente, posicione-se e fundamente o seu posicionamento em relação ao texto. Com esse nível de análise você estará em condições de fazer uma resenha crítica sobre o texto (não se preocupe, vamos ensinar você a fazer isso em um módulo mais adiante, ok?).

Problematização: cumpridas as três etapas anteriores, você deverá ser capaz de propor uma discussão sobre o texto. Ou seja, poderá problematizar. A partir do conteúdo estudado, o que você gostaria de questionar ou debater num grupo em classe ou com o professor? A partir da problematização, você tem condições de dar os primeiros passos rumo à construção de um seminário ou projeto de pesquisa (também falaremos disso mais adiante).

Síntese pessoal: depois de analisar a fundo o texto, interpretá-lo, criticá-lo e problematizá-lo, espera-se que você seja capaz de tecer suas conclusões sobre o tema abordado pelo autor. É o momento de você produzir a partir do que estudou. A partir da síntese pessoal, você terá condições de propor hipóteses e desenvolver a argumentação necessária para a produção de um trabalho acadêmico com relevância científica.

17

Não espere resultados milagrosos da noite para o dia. Se você ainda não o fez, será preciso desenvolver o hábito da leitura e do estudo reflexivo. Como tudo que vale a pena na vida, isso demanda perseverança e força de vontade. Para ajudá-lo nesse processo de estudo e leitura, existem ferramentas bastante simples que poderão te dar uma força em quaisquer das etapas envolvidas no estudo de um texto. Vamos a algumas delas!

2.4 Estratégias de organização

2.4.1 Fichamento

O fichamento é uma ferramenta que pode auxiliar no processo de registrar o que você já pesquisou. Constitui-se na retirada e catalogação dos trechos lidos. Em geral se seleciona as questões mais importantes apresentadas pelo autor do texto. Para tanto, em um primeiro momento, você terá que fazer uso de um método de marcação, para

poder achar mais facilmente o que você gostou. Em um arquivo digital, você poderá usar o sistema apresentado no leitor (seja um programa que leia pdf ou *ebook*). Para textos impressos sugerimos abaixo um padrão que você poderá seguir. Mas lembre-se, qualquer que seja o sistema que você irá adotar, é preciso seguir com ele até o final.

» *Sublinhar*: Faz-se o uso da função sublinhar para, ao retornar ao texto após algum tempo, direcionar sua atenção para os pontos que mais lhe chamaram a atenção na primeira leitura. Sublinha-se ideias-chave, assim como é importante também destacar negações e palavras de oposição, como “mas”, “embora”, “contudo”, “todavia”, “entretanto” e outras. A sublinha deve ser realizada somente após uma leitura demorada e analítica do texto. Algumas dicas podem ajudá-lo na sublinha e/ou destaque de questões relevantes:

- » Sublinha simples: um traço para destacar os principais aspectos;
- » Sublinha dupla: dois traços para destacar palavras-chave ou o principal aspecto;
- » Uma barra vertical no canto [|]: para destacar trechos mais longos ao invés de sublinhar diversas linhas;
- » Dois barras verticais [||]: em toda a extensão do trecho ainda mais relevante;
- » Interrogação [?]: Para textos duvidosos, algum ponto que não ficou claro;
- » Exclamação [!]: Para algo curioso, que lhe surpreendeu ou que gerou algum *insight*.

18

No trabalho de destaque também pode ser usada a caneta marca-texto a fim de ressaltar trechos importantes da leitura. Após a utilização das técnicas indicadas, ao passar os olhos sobre o que foi destacado, você deve ser capaz de reconstituir o pensamento original contido no texto completo. Após destacarmos os pontos mais importantes da leitura realizada, vamos às etapas do fichamento em si.

- » *1ª etapa*: leitura exploratória do texto. Aqui você irá conhecer o texto, terá seu primeiro contato com o conteúdo e com as ideias ali explanadas.
- » *2ª etapa*: identificação das principais partes do texto (introdução / desenvolvimento / conclusão).
- » *3ª etapa*: levantamento da estrutura e do sequenciamento lógico do texto. Necessário agrupar a partir de tópicos gerais. Questionar: qual a ideia principal deste parágrafo? Que breves pensamentos poderiam representá-lo?

2.4.2 Exemplo de marcação de texto

Na página ao lado disponibilizamos um texto onde você poderá perceber a utilização do método de marcação que sugerimos acima. Logo em seguida, forneceremos também uma amostra de como fazer um fichamento. As informações abaixo foram retiradas de um livro, utilizado na pós-graduação do Unasp, chamado *Metodologia de pesquisa* (FOLLIS *et al.*, 2012, p. 8-9).

Precisamos começar nossa discussão já definindo nosso termo principal: pesquisar. O que seria pesquisar? A resposta é bem simples, pesquisar é reunir as informações necessárias para encontrar determinada resposta para uma pergunta, objetivando chegar à solução de um problema. Fácil, não é verdade? Vamos dar um exemplo, apenas para tornar a coisa ainda mais simples. Todos os dias, em praticamente todos os momentos, estamos fazendo pesquisa. Isso acontece a cada decisão que tomamos, pois sempre passamos pelo processo de buscar informações para, assim, resolver algum problema que estamos enfrentando.

Note que sublinhamos as partes importantes.

Vamos supor uma simples ilustração. Você perdeu sua chave. Qual a primeira coisa que você pensa?: onde será que eu coloquei as chaves? Você faz essa pergunta de maneira instintiva, não é verdade? Ela é, basicamente, o problema que você está enfrentando. Você perdeu sua chave e precisa descobrir onde ela está. Caso contrário, você não entrará na sua casa/carro — esse processo é o que chamamos de justificativa da sua pesquisa.

Voltando a nossa ilustração: o que você irá fazer, agora que você perdeu sua chave e já determinou qual sua problemática (achar a chave, logicamente)? Você certamente irá pesquisar. Isso mesmo, você irá, mesmo sem pensar muito, pesquisar onde foi a última vez que você viu sua chave; Em que local você estava; Se você a colocou em algum local específico; O que você está fazendo. Dessa forma, podemos dizer que, antes de partir diretamente para a ação de procurar sua chave, você precisa pensar nas possibilidades de onde você a teria deixado. Isso é chamado, dentro do processo científico, de pressupostos científicos.

E por que você pensa em todas as possibilidades, antes de sair “caçando” sua chave? Simples, para não parecer um louco procurando uma chave em qualquer local, que talvez você nem tenha ido, afinal, por qual razão você procuraria algo perdido em um local onde você nunca tivesse ido?

Duplo sublinhado para as partes ainda mais importantes.

Essa barra indica que aqui temos um trecho importante.

Agora vem a pergunta mais importante para nosso estudo atual: qual a diferença entre o exemplo da chave perdida e uma pesquisa científica aceita pela academia? Algumas coisas são diferentes, por exemplo, o objeto pesquisado. Afinal, você não irá encontrar muitas teses falando sobre onde alguém perdeu a chave da casa ou do carro. Podemos definir da seguinte maneira a diferença entre o objeto de estudo da ciência e o do cotidiano: nas ciências pesquisamos assuntos mais abrangentes, tal como, por qual motivo chove em determinada região ou mesmo por que chove? Qual a melhor maneira de se cultivar determinado vegetal em uma região que chove muito? E, quem sabe, para usar nosso exemplo da chave, por que tantas pessoas têm problemas em perder suas chaves e de que forma poderíamos resolver esse problema.

Entretanto, outra diferença crucial entre a ciência e o conhecimento do dia a dia, que podemos assinalar aqui, é que são poucas as vezes que temos que colocar nossas conclusões diárias por escrito. E na ciência tudo deve ser escrito, pois apenas assim esse conhecimento servirá para alguma coisa.

Você pode estar se perguntando, mas como assim? Fácil, pense conosco: sem pesquisas confiáveis e publicadas, seríamos prisioneiros apenas do que vemos e ouvimos, confinados às opiniões do momento. É verdade que a maioria de nossas opiniões cotidianas são bem fundamentadas e confiáveis (como, por exemplo, não deixar nossa chave em qualquer local), mas algumas delas também podem estar erradas (a Terra é redonda; o sol gira em torno da Terra). E é aqui que o chamado método científico ganha importância.

Na ciência, só podemos confiar nas pesquisas onde o leitor poderá, se quiser, repetir a experiência pesquisada, confirmando-a ou não, pois somente dessa forma podemos ter consolidado o que pode, ou não, ser confiável. E tais pesquisas precisam ter seus dados por escrito, afinal, essa é a forma mais simples e fácil de massificação e verificação de seus conteúdos.

2.4.3 Exemplo de como fazer um fichamento

Referência bibliográfica da obra a ser fichada

Deve estar no formato ABNT: SOBRENOME, Iniciais do nome do autor. **Título em negrito:** subtítulo. Número da edição (se houver). Local de Publicação: Nome da editora, ano. (Nome da coleção e/ou série e número entre parênteses).

Resumo em poucas palavras	Apresentação objetiva das ideias do texto.
Citações importantes	Pequenos trechos extraídos, entre aspas e seguido da numeração da página (se houver).

2.4.4 Exemplo de como fazer o fichamento do texto acima

Referência	FOLLIS, R.; SOARES, L.; TEIXEIRA, F. Metodologia de pesquisa . Engenheiro Coelho: Unasp, 2012. (Técnicas e métodos de ensino, 5).
Resumo	Os autores defendem que pesquisar é algo que fazemos cotidianamente, mesmo sem percebermos. Entretanto, uma pesquisa científica se diferencia do conhecimento do dia a dia em vários pontos, tais como: 1) o objeto pesquisado; 2) os assuntos são mais complexos e amplos. Eles também enfatizam a importância de se registrar por escrito as descobertas científicas, pois assim o conteúdo delas pode se tornar de fácil massificação e verificação.
Citações importantes	<p>“Pesquisar é reunir as informações necessárias para encontrar determinada resposta para uma pergunta, objetivando chegar à solução de um problema” - (página 8).</p> <p>“Na ciência, só podemos confiar nas pesquisas onde o leitor poderá, se quiser, repetir a experiência pesquisada, confirmando-a ou não, pois somente dessa forma podemos ter consolidado o que pode, ou não, ser confiável” - (página 9).</p>

2.4.5 Ferramentas eletrônicas

Com o desenvolvimento tecnológico e constantes inovações na informática, surgiram programas específicos para organização bibliográfica, incluindo técnicas para o arquivo de comentários de leitura, citações e referências, de forma semelhante ao fichamento manual, porém de forma mais rápida e prática. Ex.: *Zotero* (uso gratuito, www.zotero.org); *EndNote* (programa pago, <http://www.endnote.com>)

Q
F
E
G
Q
F
E
F
E
F
E
G

MÓDULO 3

Trabalhos acadêmicos

QWERTYUIOPLJHC ?XCVBNMQW
FDSAZXCVBNMQV JIOPLKJHGFD
ERTYUIOPLKJHGFD SAZXCVCBNMQW
GFDSAZXCVBNMQWERTYUIOPLKJHC
QWERTYU <CVBNMQW
FDSAZXC OPLKJHGFD
ERTYUIO. ERJHGFD SAZXCVCBNMQWE
FDSAZXCVBNMQWERTYUIOPLKJHGFD
ERTYUIOPLKJHGFD SAZXCVCBNMQWE
FDSAZXCVBNMQWERTYUIOPLKJHGFD
ERTYUIOPLKJHGFW SAZXCVCBNMQW
GFDSAZXCVBNMQIERTYUIOPLKJHG

Nos módulos anteriores discutimos como ter eficácia nos estudos; Conversamos também sobre algumas formas de se ler e entender um texto. Agora, começaremos a abordar mais especificamente temas inerentes aos trabalhos apresentados no âmbito de uma universidade. Em seu período como aluno (seja da graduação ou pós-graduação) você irá se deparar muitas vezes com a necessidade de produzir um dos trabalhos aqui apresentados. Sendo assim, é melhor começar logo o nosso assunto. Você está pronto?

3.1 Relatórios

Um relatório acadêmico é basicamente um texto no qual se expõe os principais aspectos de uma atividade que se realizou ou da qual se participou. Pode ser uma leitura, um filme ou palestra, um trabalho em grupo, uma aula prática etc. Trata-se de se registrar de forma objetiva e ordenada os aspectos principais da referida atividade. Não requer argumentações ou críticas, apenas a descrição das informações coletadas ou observadas.

Para facilitar a elaboração de um relatório é importante que o aluno faça anotações dos principais assuntos debatidos no evento observado, assim, não se corre o risco da perda de nenhuma informação importante.

24

A estrutura de um relatório acadêmico é simples. Deve conter os dados do aluno, instituição e disciplina e, em seguida, a descrição das atividades realizadas, destacando-se os pontos principais. Não há uma delimitação padronizada, devendo esse critério ser definido pelo professor que solicitou o trabalho.

3.2 Seminários

Você gosta de trabalhar em grupo? Ou melhor, estudar em equipe? As atividades realizadas em conjunto com outras pessoas nos dão a oportunidade de trocar ideias, compartilhar opiniões e permitem um crescimento pela convivência com diferentes personalidades.

O seminário é um exercício coletivo que possibilita preparo e crescimento em termos de relacionamento e aprendizagem coletiva. Ele deve funcionar como uma espécie de incubadora de ideias, onde a expressão livre do pensamento seja constante e o respeito mútuo, a norma. Severino (2011, p. 63) destaca que o “objetivo último de um seminário é levar os participantes a uma reflexão aprofundada de determinado problema, a partir de textos e em equipe”.

Um seminário normalmente terá um coordenador geral, quase sempre um especialista ou o professor, que proporá um texto ou assunto a ser estudado. A esse texto, assunto ou tema de estudo chamamos de texto básico ou texto-roteiro didático. De acordo com a necessidade ou a subdivisão do assunto em

tópicos e/ou subtópicos, o coordenador também proporá o número de grupos de trabalho necessários.

Cada grupo deverá escolher o seu próprio coordenador, que procurará organizar e gerenciar o trabalho do grupo; um secretário, que fará registro de todas as reuniões do grupo, dando especial atenção às conclusões e questões levantadas a cada encontro; e um relator, que se encarregará de apresentar o trabalho do grupo ao restante da classe. Há, também, a possibilidade de todos os membros do grupo atuarem como relatores. Atenção para alguns dos pontos mais importantes em um seminário:

- » A apresentação do seminário para os demais alunos da classe é resultado dos debates, questionamentos e conclusões realizados e anotados nas diversas reuniões do grupo;
- » A leitura, estudo e aprofundamento do texto-roteiro didático e seu tema é responsabilidade de todos da classe, a fim de que seja possível debater em profundidade o assunto depois de sua apresentação;
- » Um seminário não é uma aula expositiva dada por um grupo de alunos, da qual o professor e os demais da classe são meros expectadores.

25

No momento da apresentação, o grupo pode fazer uso das mais diversas abordagens, indo dos recursos tecnológicos proporcionados através de softwares e imagens (PowerPoint, vídeos, encenações etc.), até dinâmicas de grupo, passando, inclusive, pela apresentação expositiva mais tradicional. É importante destacar que durante a apresentação, o grupo não tem como objetivo resumir o texto-roteiro didático, uma vez que todos o estudaram e eventualmente até foram além, buscando outras fontes. A apresentação é um momento de destacar aspectos relevantes e questões instigantes surgidas do estudo do texto, para que haja debate e esclarecimento.

Pedron (1999) sugere que cada grupo, ao desenvolver as suas atividades, deverá realizar o estudo por meio dos seguintes passos:

- » *Analisar o texto básico de maneira íntima*, buscando suas raízes, o que envolve compreensão precisa dos termos e conceitos usados! Trata-se de fazer a *análise textual*;
- » *Compreender a mensagem central do texto*, qual o seu tema central, objetivos e conclusões! Trata-se da *análise temática*;
- » *Interpretar o texto*, contextualizando-o, julgando-o, criticando-o, destacando seus pontos fortes e fracos, trazendo à tona as prováveis repercussões decorrentes das conclusões! Trata-se da *análise interpretativa*;

- » *Questionar o texto*, trazendo perguntas relevantes e profundas para o debate. Não se trata de perguntinhas óbvias e monótonas, mas de perguntas que exijam profundidade de reflexão, análise e raciocínio. Isso é chamado de *problematização*.

É exatamente nesse último passo que está a riqueza do seminário. Essa riqueza pode ser constatada nos seguintes aspectos:

- » O grupo que apresenta o seminário não conseguirá trazer questões realmente instigantes se não tiver ido além do texto básico, buscando compreender o tema a partir de diferentes perspectivas. Muitas vezes, essas perspectivas diferentes podem ser encontradas nas referências bibliográficas indicadas ao final do texto básico;
- » É no momento da problematização, porém não exclusivamente, que o restante da classe e o professor mais interagem com o grupo, na busca por respostas ou levantamento de mais questões. Após uma apresentação bem elaborada, espera-se que o restante da classe reaja, faça perguntas, solicite esclarecimentos, questione a interpretação e apresentação do grupo;
- » É no exercício da problematização que as ideias vão se definindo na mente de cada aluno. É aí que muitas vezes se esbarra em ótimos e instigantes problemáticas de pesquisa para um TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) ou, ainda, se possibilita resolver alguns dilemas ou questões controversas e dúbias sobre um problema de pesquisa já definido;
- » É nesse momento do seminário que, por excelência, torna-se imperativo exercitar as habilidades de argumentação e lógica, tão necessárias à elaboração do texto científico requerido para a composição do TCC, por exemplo.

26

Como resultado da realização de um seminário, tendo como base um texto-roteiro didático, podem ser obtidos, como produtos finais, dois outros novos textos: o texto-roteiro-interpretativo e o texto-roteiro de questões. Vamos falar deles mais detidamente agora.

O primeiro é fundamentado na apresentação do grupo em sala de aula. É o grupo responsável pelo seminário que elabora esse texto, que deve ser disponibilizado e/ou apresentado à classe. Não se trata de um resumo do texto-roteiro didático, mas de um novo texto que demonstre a análise, interpretação e problematização feita pelo grupo durante o período de preparação e estudo antes da apresentação. É importante também que o restante da classe tenha acesso a esse texto, se possível, antes de sua apresentação em sala, a fim de que no momento da apresentação já o tenham lido, interpretado e problematizado individualmente.

O segundo texto é resultante da problematização gerada durante a apresentação do seminário em classe, que o professor poderá solicitar aos participantes do seminário. Destaca-se que são participantes do seminário tanto o grupo de apresentação quanto os demais alunos da classe. Portanto, todos produzem esse texto e o entregam por escrito, se assim for estipulado.

Muito embora o que até aqui foi abordado sobre seminários reconheça apenas o seu caráter coletivo, ou seja, seminários são trabalhos de grupo, há também a modalidade de seminários individuais, onde um único aluno faz o estudo do texto-roteiro didático e o apresenta e o problematiza diante da classe.

Tanto na modalidade individual quanto em grupo, ao final do seminário, cabe ao coordenador geral, professor ou especialista, apresentar uma síntese de tudo o que foi apresentado e debatido, procurando esclarecer questões fundamentais que eventualmente tenham ficado confusas no meio do debate.

3.3 Resumos

No meio acadêmico é comum a solicitação de resumo de artigo, obra ou outro documento. O resumo é uma “apresentação concisa dos pontos relevantes de um texto” (ABNT NBR 6028). Sendo assim, o resumo apresenta de forma sucinta e seletiva as ideias essenciais do texto-base, mantendo fidelidade ao original. Para isso, é necessário que através da leitura haja um discernimento do que é principal e secundário a fim de que os aspectos de maior interesse e importância sejam apresentados de forma encadeada e ordenada, sempre relacionando uma frase ou parágrafo com o que vem antes e depois. O resumo deve destacar o objetivo do autor, a metodologia adotada e as conclusões obtidas. O resumo proporciona pelo menos dois benefícios principais. *Para quem lê*, economia de tempo; pois permite a conveniência ou não de consultar o texto completo; *Para quem faz*: é excelente exercício de retenção das principais ideias de um texto.

Segundo a ABNT (NBR 6028), existem três modalidades de resumos, que serão apresentadas aqui, da mais simples para a mais complexa:

- » *Indicativo ou descritivo*: refere-se às partes mais importantes do texto, sem dispensar a leitura do texto completo. Utiliza frases curtas, cada uma correspondendo a um elemento importante da obra. Não são emitidos juízos de valor ou críticas.
- » *Informativo ou analítico*: é mais amplo que o resumo indicativo ou descritivo. Tem a finalidade de informar o conteúdo e as principais ideias do autor, salientando: os objetivos e o assunto, os métodos e as técnicas (descritas de forma concisa) e os resultados e as conclusões. Pode dispensar a leitura do

original. Sendo uma apresentação condensada do texto, esse tipo de resumo não deve conter juízos de valor;

- » *Crítico*: semelhante ao resumo informativo, porém se formula um julgamento sobre o trabalho, exigindo de quem o redige maior conhecimento do assunto, a fim de que ao final seja exposta uma análise crítica do texto lido. Não confunda resumo crítico com resenha, que tem características muito particulares, as quais serão expostas mais adiante.

Guardadas as devidas proporções e intenções subjacentes, um resumo seria semelhante ao *trailer* de um filme. O *trailer* apenas apresenta, sinteticamente, o enredo do filme, o seu estilo, gênero, atores, efeitos especiais, trilha sonora, diretor e outros aspectos relevantes. Sendo assim, um resumo normalmente contempla as seguintes características (MEDEIROS, 2004, p. 142, 145):

- » Linguagem objetiva;
- » Pouca ou nenhuma utilização de trechos inteiros copiados do original;
- » Respeita a ordem de apresentação de ideias e fatos do texto original;

28

Dessa forma, é importante se pensar a questão sobre os principais pontos a serem destacados na produção do seu resumo. Vamos a eles:

- » Descreva o assunto ou tema abordado no texto;
- » Sistematize os objetivo(s) que o autor tinha ao escrever o texto;
- » Análise de quais foram as ideias mais importantes, a metodologia e/ou principais resultados apresentados;
- » Por último, escreva sobre as conclusões do autor.

Já quanto ao estilo de redação, é preciso que você se atente para os passos descritos a seguir:

- » Utilize frases concisas;
- » Evite fazer uma enumeração de tópicos em seu texto;

- » A primeira frase deve explicar o assunto do texto;
- » Usam-se preferencialmente os verbos em voz ativa e na terceira pessoa do singular.

Você pode notar que não há muito mistério em um resumo. Mas, provavelmente, ao ter que fazer um, você poderá se sentir um pouco inseguro sobre como proceder a fim de produzir um texto que apresente todas essas características. Nesse caso, o roteiro a seguir, formulado a partir das orientações de Medeiros (2004), poderá lhe ajudar a iniciar esse processo:

- » *1º passo*: procure obter uma visão geral do texto. Passe os olhos por todo o material, sem se deter em detalhes. Note os títulos e subtítulos. Leia a introdução e a conclusão, perceba os elementos não textuais como figuras, diagramas e gráficos. O seu objetivo neste momento é apenas identificar o tema central e o enfoque utilizado pelo autor;
- » *2º passo*: agora leia o texto inteiro, palavra por palavra. Durante essa leitura, procure compreender e esclarecer o significado de palavras desconhecidas. Note o quanto o autor muda de assunto e marque os diversos trechos nos quais o texto pode ser dividido. Você estará dividindo o texto em segmentos menores;
- » *3º passo*: identifique também as ideias ou palavras secundárias. Em geral você pode considerar como secundário: esclarecimentos, paráfrases de trechos ou ideias já apresentadas, ilustrações e exemplos;
- » *4º passo*: a partir daquilo que for central, procure oportunidades de fazer generalizações. Por exemplo, se o autor se refere a argentinos, mexicanos, brasileiros, bolivianos, paraguaios e chilenos, no resumo, ao invés de citar a todos, um por um, você poderá substituir por latino-americanos;
- » *5º passo*: coloque a referência bibliográfica segundo as normas da ABNT (vamos ver como fazer isso em um módulo mais adiante), na primeira página lá no alto e alinhada à direita, dando um espaço para separá-la do texto do resumo;
- » *6º passo*: quando for redigir o seu resumo, deixe o texto original de lado. Não se esqueça de usar preferencialmente palavras e frases curtas;
- » *7º passo*: leia o seu resumo e compare-o com o texto original. Atente se o seu resumo apresenta o tema, os objetivos, as principais ideias apresentadas e as conclusões do autor;

- » *8º passo*: se o resumo estiver muito extenso, ou se as ideias essenciais ficaram de fora, refaça o resumo. Se o conteúdo do seu resumo estiver dentro do que se pede, leia-o novamente, desta vez em voz alta, a fim de melhor encontrar erros de ortografia, pontuação e gramática. Se encontrar, você já sabe o que fazer: corrija antes de entregar. Não tenha preguiça de fazer isso quantas vezes forem preciso.

Finalmente, talvez o aspecto mais característico de um resumo: o tamanho que ele deve ficar. De acordo com a ABNT, dependendo do tipo do texto original, a extensão deverá ser:

- » De 150 a 500 palavras, se o texto a ser resumido é extenso. Aí se enquadram os relatórios técnico-científicos e os trabalhos acadêmicos, tais como as teses de doutorado (200 a 300 páginas), as dissertações de mestrado (100 a 200 páginas) e as monografias de conclusão de curso (30 a 100 páginas).
- » De 100 a 250 palavras, se o texto a ser resumido é um artigo de extensão média publicado em periódico. É importante destacar que, nesse caso, a ABNT está se referindo ao que chamamos de artigo científico. Um artigo científico costuma ter de 10 a 20 páginas e é publicado em periódicos científicos. Portanto, esse parâmetro de extensão não vale para artigos jornalísticos que, em geral, não passam de 4 ou 5 páginas.
- » De 50 a 100 palavras, se o texto resumido trata-se do que a ABNT denomina de notas ou comunicações breves. A norma não define exatamente o que são essas notas e comunicações breves. Mas o bom-senso nos leva a concluir que se tratam de textos menos extensos que um artigo científico. Poderíamos aí incluir os artigos jornalísticos, bem como outros textos científicos também publicados em periódicos ou congressos.
- » Sem limites de palavras se você estiver fazendo um resumo analisando um texto e/ou livro. Nesse caso, não importa se o texto original é uma tese ou um artigo jornalístico. Entretanto, por mais que não haja limites prefixados, você não deve se esquecer de que ainda assim é um resumo e, portanto, não deve abusar na extensão.

Lembre-se: quando você precisar contar as palavras digitadas, utilize do recurso específico de programas de edição de texto (como o Word e o Page), disponível geralmente no menu “revisão”, na função: “contar palavras”.

O resumo aqui é de um livro com 150 páginas.

Exemplo de como se resumir um livro

Note que a referência está em formato ABNT.

MORAES, A. C. R. **Geografia**: pequena história crítica. São Paulo: Annablume, 2007. 150 p.

O livro inicia com a proposta de analisar e conceituar o “objeto” da Geografia, que deixa de ter apenas o significado epistemológico do termo “Geografia - descrição da Terra” para comparar com vários conceitos gerados em diferentes épocas. O pensamento de que a Geografia era uma ciência empírica, pautada na observação se sobressair por muito tempo. De acordo com o autor, a ideia de “ciências de síntese” serviu para encobrir a vaguidade e a indefinição do objeto. No entanto, a partir dos anos 60 foi colocada a perspectiva fora do positivismo clássico e a fenomenologia, o estruturalismo, o neopositivismo, o marxismo, entre outras, abre a discussão geográfica caminhos até então nunca trilhados, o que vai multiplicar as dificuldades existentes para definir a matéria tratada por esta disciplina.

A Geografia da primeira metade do século XIX foi, fundamentalmente, a elaboração de material para fins de navegação e dominação. Foi na Alemanha, no século 20, que surgiram os primeiros institutos e as primeiras cátedras dedicadas a essa disciplina. Um revigoramento do processo de sistematização da Geografia vai ocorrer com as reformulações de Friedrich Ratzel, um alemão e prussiano que vai privilegiar o elemento humano, valorizando questões relacionadas à História e ao espaço. Esse pensamento deu início à escola Determinista.

A escola determinista evidenciava a geografia da ação imperialista do estado bismarkiano para domínio Alemão e isso suscitou a outra escola que fez oposição a essa, que foi a escola “Possibilista” de Paul Vidal de La Blache, francês que via na revolução francesa motivos para falar de uma Geografia voltada para a liberdade. Ele discute a relação homem-natureza, mas não aborda as relações entre os homens. Então, surge para além do determinismo e do possibilismo a proposta de Hartshorne, que foi a escola Racionalista. A Geografia Nomotética como foi chamada possibilitou análises de tópicos centradas em um conjunto articulado de temas.

Após essas correntes que marcaram o desenvolvimento do pensamento geográfico, veio o movimento de renovação da Geografia, que foi empreendida por vários caminhos, mas em função dos propósitos essa renovação pode ser dividida em dois grandes conjuntos: a Geografia Pragmática e a Geografia Crítica.

A Geografia Pragmática empregou séria crítica à Geografia Tradicional e estabeleceu a Geografia Aplicada, tendo na prática e análises estatísticas quantitativas sua maior contribuição. A Geografia Crítica tem uma postura crítica radical, frente à Geografia existente, seja a tradicional ou a Pragmática. Por final, o autor sugere que todas as correntes percorridas pelo pensamento geográfico contribuíram para que a Geografia atual estimule a reflexão e, com isso, tenha aberto os horizontes para a elaboração da Geografia Nova; Uma geografia mais generosa e um espaço mais justo, que seja organizado em função dos interesses dos seres humanos e para melhoria da vida.

3.4 Resenhas

A resenha é uma síntese comentada de uma produção científica relevante. Ela costuma ser publicada em periódicos científicos, embora também possam ser encontradas em revistas e jornais não científicos (como a Folha de S. Paulo, por exemplo).

Sua importância reside no fato de fornecer informações a estudantes e especialistas sobre o conteúdo e valor de uma determinada produção científica, principalmente se ela acabou de ser publicada. Por meio desse conhecimento prévio, o pesquisador pode decidir se vai ler o livro ou não, dependendo da relevância do mesmo para estudo ou produção de um trabalho em particular. Elas também servem, muitas vezes, como contraponto aos pensamentos defendidos por determinado autor, sendo úteis para que um leitor veja quais seriam os argumentos de alguém que não concordaria com uma determinada publicação ali analisada.

As resenhas, portanto, permitem a realização de uma triagem na bibliografia a ser selecionada por ocasião da leitura de documentação (SEVERINO, 2011). Vistas por outro prisma, também contribuem para a atualização bibliográfica do pesquisador.

A resenha difere do resumo principalmente pelo viés opinativo do seu texto. De acordo com Andrade (2003, p. 61) a resenha é “um trabalho que exige conhecimento do assunto, para estabelecer comparação com outras obras da mesma área e maturidade intelectual para fazer uma avaliação e emitir juízo de valor”. A resenha contém o resumo no seu corpo, mas vai além dele, ao criticar e comentar valorativamente o conteúdo da obra resenhada. Embora não haja um padrão específico de tamanho, normalmente ela se apresenta como um texto mais curto que o artigo científico, podendo variar entre 5 mil e 15 mil caracteres (AZEVEDO, 2001). Sem prejuízo do cuidado minucioso ao apresentar ao leitor as diversas partes do livro, um tratamento objetivo e sucinto do conteúdo facilitará a vida do pesquisador, que, caso se sinta motivado, lerá posteriormente a obra.

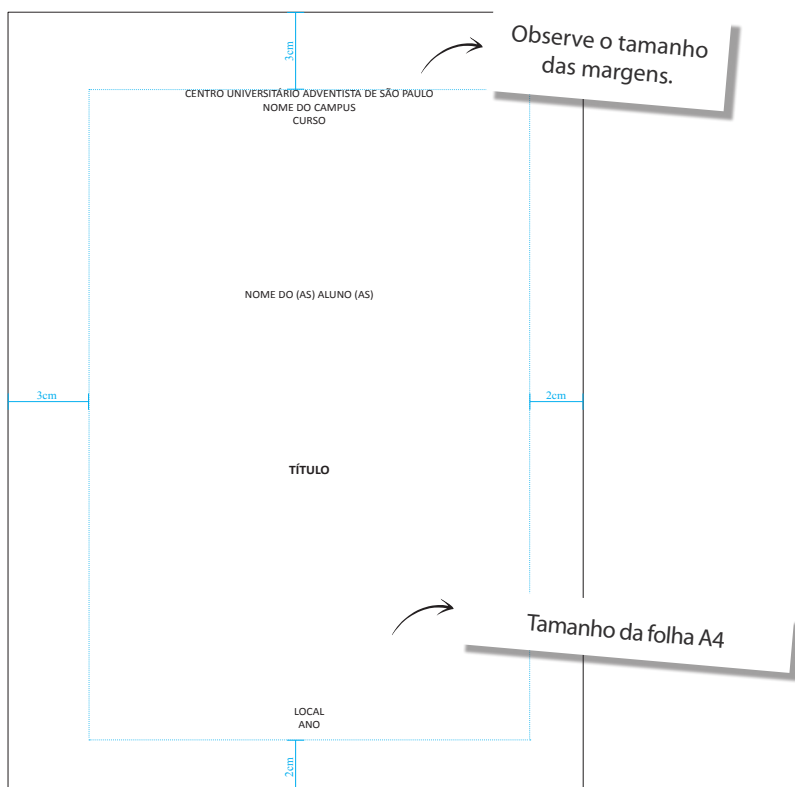
Quando buscada a excelência na elaboração, a responsabilidade opinativa por vezes torna a resenha um texto de complexidade não inferior àquela envolvida, por exemplo, na construção de um artigo científico — diga-se, de passagem, quanto a isso, que as resenhas costumam incorretamente ser enxergadas como textos científicos de segunda categoria. De fato, apesar de poder (e dever) ser exercitada por estudantes no sentido de treinar sua capacidade de compreensão e opinião, a resenha, em geral, é elaborada por um especialista que, além de conhecer profundamente o assunto, pode avaliá-lo de forma crítica (MARCONI; LAKATOS, 2000).

É preciso salientar, no entanto, que por mais que o resenhista tenha competência na matéria tratada na obra resenhada, isso não lhe dá o direito de abordá-la de forma descortês ou deturpada. Os eventuais erros, falhas de informação, inconsistências e deficiências devem ser apontados sem, contudo, se entrar em pormenores excessivos. Os pontos fortes e méritos da obra também precisam ser enfatizados. Caso apareçam elogios, devem ser feitos de forma sincera e equilibrada.

Para fazer uma resenha, deve-se primeiramente conhecer a obra de forma completa, o que exige uma leitura aprofundada e comparativa, a fim de que se mantenha fidelidade estrita ao pensamento do autor. Essa necessidade torna imperativo que se faça mais de uma leitura do material. O ideal é que o resenhista possua competência prévia no assunto ou tema abordado na obra, o que favorecerá a avaliação e emissão do parecer valorativo final. No caso de estudantes, sugere-se um mínimo de pesquisa anterior em obras de outros autores da mesma área para a formação de fundo teórico à luz do qual poderão melhor examinar a obra sob uma perspectiva crítica.

Algumas informações preliminares sobre a construção do texto se fazem úteis. De acordo com Azevedo (2001, p. 32), “a resenha deve ter um título criativo, diferente do título da obra resenhada”. A redação deve ser direta, sem intertítulos, ou seja, a passagem de uma parte para outra ficará clara por meio da própria organização interna do texto. Finalmente, as citações formais são indispensáveis, devendo as páginas da obra resenhada serem indicadas entre parêntesis.

Para a apresentação de resenhas solicitadas como requisitos acadêmicos, o estudante deverá preparar uma folha de rosto contendo as seguintes informações:



A partir da primeira página do trabalho, a estrutura da resenha obedecerá, em linhas gerais, à seguinte estrutura:

- » Referência bibliográfica segundo as normas da ABNT, ao alto, alinhada à direita. Separar por um espaço a referência do corpo do texto;
- » Colocar o nome do autor no canto direito, em nota de rodapé colocar a titulação do autor (curso, instituição e e-mail).
- » O texto começa pela introdução, que tem o objetivo de captar o interesse do leitor pela resenha e pela obra em questão. Essa introdução deverá ocupar de 10 a 20% do tamanho total do texto, contendo informações gerais sobre o autor: que outros trabalhos já fez? O que ele pensa? Qual sua autoridade/influência no campo científico em que atua? Além disso, são relevantes algumas palavras sobre a gênese da obra: onde foi produzida, quando e por quê? Que processo o autor utilizou para coletar, tratar e analisar as informações necessárias para a composição do texto? Em seguida, deve-se elaborar um parágrafo de transição para a parte seguinte;
- 34 » Segue-se à introdução o resumo detalhado das principais ideias presentes na obra, primando-se pela objetividade, clareza e fidelidade ao pensamento do autor. Esse resumo deverá responder às seguintes perguntas: de que se trata a obra? O que diz? Há alguma característica especial? Como foi abordado o assunto? Exige conhecimentos prévios para entendê-lo? O autor tira ou não conclusões? Essas conclusões aparecem ao final de cada capítulo ou somente ao final do livro? Quais são essas conclusões? Que modelo teórico serviu de embasamento para a obra? Respondidas essas perguntas, faz-se novo parágrafo de transição;
- » A parte final da resenha consiste da apreciação crítica. Marconi e Lakatos (1999) propõem as seguintes perguntas norteadoras, aqui listadas de forma resumida: como o autor se situa em relação às correntes científicas, filosóficas e culturais? E em relação às circunstâncias históricas, culturais, socioeconômicas, políticas etc.? Qual é a relevância da obra? Suas ideias são originais, criativas, verdadeiras? Há deficiências ou erros conceituais? O estilo prima ou não pela concisão, objetividade, simplicidade, clareza e coerência? Existe equilíbrio ou originalidade na disposição das partes da obra? A construção argumentativa é lógica e sistematizada? A obra é indicada ao grande público, a estudantes e/ou a especialistas? Fornece subsídios para o estudo de que disciplinas? Pode ser adotado em que tipo de curso? Com respeito a essas perguntas, o autor da resenha deve

fundamentar sua posição reportando-se à obra resenhada e ao conhecimento prévio que tem sobre o assunto.

É importante ficar claro que o único item que tem lugar certo para aparecer numa resenha é a referência bibliográfica. No restante, a ordem dos elementos que compõem a resenha pode variar segundo a liberdade autoral do resenhista.

A estrutura da resenha apresentada até aqui diz respeito à modalidade chamada resenha crítica. A ABNT, no entanto, possibilita uma segunda modalidade, chamada resenha descritiva. Nesse caso, suprime-se da estrutura geral apenas o elemento crítico/opinativo, mantendo-se os demais itens. Entretanto, nessa manual consideramos esse tipo de resenha como sendo, na verdade, apenas um resumo (e já falamos sobre ele anteriormente).

Você percebe a maior complexidade exigida na confecção de uma resenha? É por isso que, muitas vezes, um professor desejoso de que você comece a desenvolver sua capacidade crítica, mas ciente de que um aluno no início do curso não tem as informações e o nível de aprofundamento necessário para redigir uma resenha, pede uma resenha descritiva ou um resumo crítico. Nesses casos, o que os professores geralmente desejam é que o aluno, ao final do resumo, tome um posicionamento crítico diante do que leu, sem a exigência analítica mais aprofundada e fundamentada de uma resenha. Entretanto, ele sabe que com o tempo e com prática você irá se desenvolver até o ponto de conseguir fazer uma boa resenha.

Por via das dúvidas, sempre que um professor lhe pedir um resumo, resenha ou resumo crítico, peça a ele mais detalhes para que você saiba exatamente o que ele tem em mente. Se ele pede um resumo crítico, mas quer uma análise crítica aprofundada, talvez você possa concluir que ele na verdade está pedindo uma resenha crítica. Se ele lhe pede uma resenha, mas o que ele de fato deseja é que você redija um resumo e que ao final faça uma apreciação crítica, que você se posicione, dê a sua opinião, provavelmente o que você de fato deverá fazer será um resumo crítico. Lembre-se: procurar esclarecer com o professor exatamente o que ele quer é melhor do que entrar em discussões sobre se o que ele quer é um resumo descritivo, um resumo crítico, uma resenha ou uma resenha crítica. Procure sempre compreender exatamente o que ele espera que você faça e depois classifique o trabalho na sua categoria correta a fim de que você possa ter um roteiro para seguir.

Cabe aqui ainda um reforço: tanto nos resumos quanto nas resenhas, a referência bibliográfica da obra pesquisada deve aparecer no topo da folha, antes do resumo ou da resenha e não ao final como acontece nos artigos ou monografias. Entretanto, é permitido que na resenha sejam citadas outras fontes que foram consultadas e utilizadas, nesse caso, apenas elas devem ser dispostas no final. Agora, para que você nunca mais confunda resumos com resenhas, veja o quadro comparativo:

RESUMO	RESENHA
Apenas narra ou apresenta de maneira sucinta as ideias do autor do texto original.	Descreve a estrutura do texto original; apresenta narrativa sobre o autor e o resumo da obra e disserta avaliando a obra, comparando-a a outras e destacando a quem se destina.
Possui três modalidades: indicativo ou descritivo; informativo ou analítico e crítico.	Pela ABNT se considera que possui duas modalidades: descritiva e crítica.
Possui limite de extensão predefinidos.	Não possui limites de extensão predefinidos.
O objetivo do resumo é informar do que se trata o texto, podendo até dispensar a leitura do texto original.	O objetivo é fornecer informações suficientes para que o leitor da resenha decida-se por ler ou não o texto original. Também serve para que o leitor veja possíveis críticas e argumentações contrárias à produção analisada.

36

Ao lado disponibilizamos um exemplo de como é possível fazer uma resenha crítica. Esse material já foi publicado em uma das revistas científicas do Unasp, a *Acta Científica* (COSTA, 2011 — você é convidado a visitar o site da revista e procurar por mais modelos de resenhas, aí vai o link: www.unasp.edu.br/actacientifica). Note que essa resenha analisa o mesmo livro que serviu de exemplo no tópico anterior, de como se fazer um resumo; O ideal é que você compare as duas escritas, assim, ficará mais nítida as diferenças entre resumo e resenha.

Exemplo de como se produzir uma resenha de um livro

Uma pequena história crítica da Geografia

MORAES, A. C. R. **Geografia**: pequena história crítica. São Paulo: Annablume, 2007. 150 p.

Francisca Pinheiro da Silveira Costa¹

O autor Antônio Carlos Robert Moraes tem sua formação em Geografia, graduação em Ciências Sociais, mestrado em Geografia Humana e doutorado em Geografia Humana. Todas cursadas pela Universidade de São Paulo. Atualmente é professor titular dessa mesma universidade e revisor do periódico *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*. Tem experiência na área de geografia com ênfase em geografia humana. É autor de vários livros envolvendo áreas da geografia humana, dentre os quais será destacada nesta resenha a obra intitulada: *Geografia: pequena história crítica*.

¹ Pós-doutoranda pela USP. Coordenadora de Pesquisa e professora na área de metodologia de pesquisa no Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp). E-mail: francisca.costa@unasp.edu.br

Este livro foi escrito no início dos anos 80 e, segundo o autor, teve a intenção de tornar mais didático o ensino da história do pensamento geográfico para iniciantes ao estudo da geografia em âmbito superior. Na ocasião de término da obra, o Brasil vivia sob a transição de governo militar para a democracia, quando as universidades assumiram o importante papel de informar a sociedade sobre os novos rumos e na área da geografia havia a necessidade de que os estudantes compreendessem bem a sua responsabilidade social. Então, fornecer ao aluno um material compacto e mais didático sobre as correntes do pensamento geográfico era algo primordial naquele momento.

O livro alcançou bem mais do que o proposto pelo autor, pois além de contribuir com clareza e objetividade no tratamento dos temas propostos, trouxe ao leitor o desejo de tê-lo como referencial, fazendo deste um clássico obrigatório para o ensino da “história do pensamento geográfico”. O livro está dividido em 11 capítulos e percorre desde os primórdios da complexa formação do estudo do espaço geográfico até os dias atuais, passando pelas principais correntes influenciadoras dessa ciência.

O livro inicia com a proposta de analisar e conceituar o “objeto” da geografia, que deixa de ter apenas o significado epistemológico do termo “geografia — descrição da Terra” para comparar com vários conceitos gerados em diferentes épocas, sendo a proximidade com a ecologia a que mais vai destacar o conceito deste objeto de estudo, pois “caberia à geografia a busca das inter-relações entre fenômenos de qualidades distintas que coabitam numa determinada porção do espaço terrestre” (p. 33).

O autor deixa claro que, apesar do elevado número de definições de “objeto” existentes na reflexão geográfica, a unidade poderia ser percebida dentro das correntes da geografia tradicional, sobretudo pela base do positivismo. O pensamento de que a geografia era uma ciência empírica, pautada na observação vai sobressair por muito tempo, colocando o positivismo como fator relevante para o estudo e investigação dessa ciência, que numa postura geral se tornara profundamente empirista e naturalista, sendo intitulada ciência de síntese. Porém, segundo Moraes, a ideia de “ciências de síntese” serviu para encobrir a vaguidade e a indefinição do objeto (p. 42). Tal fato enseja os dualismos que perpassam todo o pensamento geográfico tradicional dividindo o estudo em: geografia física; geografia humana; geografia geral; geografia regional; geografia sintética; geografia tópica; geografia unitária e geografias especializadas.

No entanto, a partir dos anos 60 foi colocada a perspectiva fora do positivismo clássico e a fenomenologia, o estruturalismo, o neopositivismo, o marxismo, entre outras, abrem na discussão geográfica caminhos até então nunca trilhados, o que vai multiplicar as dificuldades existentes para definir a matéria tratada por essa disciplina (p. 45). “O que é geografia?” passa a ser a indagação do conteúdo de classe subjacente a cada proposta e vai prevalecer o consenso de que “geografia é uma prática social referida ao espaço terrestre” (p. 47). No entanto, neste momento se faz necessária a retomada histórica do surgimento do “pensamento geográfico”.

As origens e os pressupostos da geografia são bastante antigos, sua origem remontando à antiguidade clássica, especialmente ao pensamento grego. Já com Tales e Anaximandro houve a medição do espaço e a discussão da forma da Terra e com Heródoto a preocupação com a descrição de lugares. Hipócrates despertou para o estudo da relação entre o ser humano e o meio.

Porém, é com as navegações e a descoberta do novo mundo que acontecerá o grande interesse em estudar o espaço e sua ocupação. Segundo Néelson Werneck Sodré este período denomina-se a “pré-história da geografia”, pois o enfoque era na descrição dos lugares e não na interpretação e planejamento.

A Geografia da primeira metade do século 19 foi, fundamentalmente, a elaboração de material para fins de navegação e dominação. Porém, outras reformulações trouxeram uma valorização ao temário da geografia e a sistematização geográfica pode ser detectada nos pensamentos políticos iluministas. Rousseau, por exemplo, discutiu a relação entre a gestão do Estado, as formas de representação e a extensão do território de uma sociedade; os economistas políticos discutiam questões geográficas ao tratar de temas como a produtividade natural do solo; o evolucionismo deu destaque ao papel desempenhado pelas condições ambientais na evolução das espécies e, finalmente, Haeckel vai enfatizar o estudo sobre a inter-relação do ser humano e do meio (ecologia). A efetivação da Geografia como um corpo de conhecimento sistematizado ocorria já no período de decadência ideológica do pensamento burguês na transição do feudalismo para o capitalismo na Europa, mas foi o desenvolvimento do capitalismo alemão o responsável principal pela sistematização da geografia, sem o qual fica impossível compreender essa ciência.

Humboldt e Ritter, considerados os pais da Geografia, nortearam a elaboração geográfica para o século 20. Foi na Alemanha que surgiram os primeiros institutos e as primeiras cátedras dedicadas a essa disciplina (p. 58). Como o Estado alemão foi do mesmo modo, como a sociologia aparece na França, onde a questão central era a organização social, a geografia surge na Alemanha, onde a questão do espaço era primordial (p. 61). Humboldt a entendia como parte terrestre da ciência do cosmos e Ritter já era explicitamente metodológico dando ênfase na normatização. Além disso, Ritter tinha a visão de que a ordem natural obedecia a um fim proposto por Deus, ressaltando aqui sua vida religiosa. Ambos contribuíram mais para sistematização de estudos especializados do que para a geografia em geral.

Um revigoramento do processo de sistematização vai ocorrer com as reformulações de Friedrich Ratzel. Esse autor também alemão e prussiano vai privilegiar o elemento humano, valorizando questões relacionadas à história e ao espaço. Esse pensamento deu início à escola determinista, onde a natureza atuaria na possibilidade de expansão de um povo, obstaculizando-a ou acelerando-a (p. 69).

A escola determinista evidenciava a geografia de Ratzel, que legitimizava a ação imperialista do estado bismarkiano para domínio alemão; isto suscitou a outra escola que lhe fez oposição, que foi a escola possibilista de Paul Vidal de La Blache, francês que via na revolução francesa motivos para falar de uma geografia voltada para a liberdade. Ele colocou o ser humano como um ser ativo, que sofre a influência do meio, porém que atua sobre este, transformando-o. Vidal de La Blache acentuou o propósito da geografia, vinculando todos os estudos geográficos à geografia humana. Ele discute a relação homem-natureza, mas não aborda as relações entre os seres humanos. Então, surge para além do determinismo e do possibilismo a proposta de Hartshorne, que foi a escola racionalista.

A geografia de Hettner e Hartshorne fundamentava-se no neokantismo de Rickert e Windelband e procura vê-la como uma ciência que estuda as formas de inter-relação dos elementos, no espaço terrestre, articulando a geografia geral e a geografia regional. Quanto maior a simplicidade de fenômeno e relações tratadas, maior possibilidade de generalização. Quanto mais a análise efetuada, maior conhecimento da singularidade local. A geografia nomotética, como foi chamada, possibilitou análises de tópicos centradas em um conjunto articulado de temas (p. 100).

Após essas correntes que marcaram o desenvolvimento do pensamento geográfico, veio o movimento de renovação da geografia, que promoveu o rompimento de grande parte dos geógrafos com relação à perspectiva tradicional. Este movimento começou em meados da década de 1950 e desenvolveu aceleradamente nos anos posteriores. Estabelece uma linguagem de metodologia de pesquisa e o espaço urbano toma relevância no estudo, bem como o uso do sensoriamento remoto e geotecnologias. O movimento de renovação da Geografia se pauta pela diversidade de métodos e de posicionamentos dos autores que o compõem. A busca do novo foi empreendida por vários caminhos, mas em função dos propósitos, essa renovação pode ser dividida em dois grandes conjuntos: a geografia pragmática e a geografia crítica.

A geografia pragmática empregou séria crítica à geografia tradicional e estabeleceu a geografia aplicada, tendo na prática e análises estatísticas quantitativas sua maior contribuição. Na geografia quantitativa, o uso dos modelos e da teoria dos sistemas articulava-se numa proposta que, no Brasil, se desenvolveu sob a denominação de geografia teórica. Caberia ainda mencionar, dentro da exposição das vias de objetivação da geografia pragmática, aquela que se aproxima da psicologia, formulando o que se denomina geografia da percepção ou comportamental. A crítica à geografia pragmática gerou a própria geografia crítica.

A geografia crítica tem uma postura crítica radical frente à geografia existente, seja a tradicional ou a pragmática. O autor que formulou a crítica mais radical da geografia tradicional foi Yves La Coste em seu livro *A Geografia serve, antes de mais nada, para fazer a guerra*. Para ele é necessário saber pensar o espaço para saber nele se organizar e nele combater. Teve suas raízes na ala mais progressista da geografia regional francesa e a principal proposta foi a formulação de uma geografia ativa, que denuncia as realidades espaciais injustas e contraditórias. Ela abre leque para influências externas e a ruptura como isolamento do geógrafo.

Retoma a discussão de questões como a relação entre sociedade e o solo, estado e o território e os recursos e a atividade econômica, entre outras. Em termos de uma concepção mais global de geografia, a proposta de Milton Santos argumenta que é necessário discutir o espaço social, e ver a produção do espaço como o "objeto". Para ele, toda atividade produtiva dos homens implica numa ação sobre a superfície terrestre, numa criação de novas formas, de tal modo que "produzir é produzir espaço" (p. 129). Surge aqui a dialética entre a unidade e diversidade no interior do pensamento geográfico crítico. Esta diversidade é em certo sentido benéfica, pois estimula o debate, gera polêmicas, e faz avançar as colocações. A geografia atual estimula a reflexão e abre horizontes para a elaboração da geografia nova. Uma geografia mais generosa e um espaço mais justo, que seja organizado em função dos interesses dos homens e para melhoria da vida.

Antonio Carlos Robert Moraes conseguiu resumir as principais escolas e correntes geográficas, e com objetividade e clareza, colocar os principais pontos abordados por cada período. No entanto, alguns comentaristas da obra, como Wagner Costa Ribeiro, professor de geografia da USP, salienta a falta de alguns importantes autores, em especial da geografia política e a ausência da repercussão e aplicação das ideias geográficas no Brasil. Considerando a época em que o livro foi escrito, o próprio autor admite que ele deveria ser reescrito, já que muitas coisas mudaram. Entretanto o propósito inicial de informar de maneira rápida e didática a linha mestra do surgimento e direcionamento do “pensamento geográfico” foi mantido.

O “objeto” de estudo da geografia proporcionou ao longo da história o percurso por diferentes correntes como a determinista, possibilista, racionalista (geografia tradicional), geografia pragmática e crítica, sendo a última a que vai direcionar os novos rumos para uma geografia ativa e nova, vigentes na atualidade (geografia renovada).

Segundo Ribeiro, “as inúmeras reedições da obra indicam seu acerto na produção de um texto que articula rigor conceitual e clareza na exposição das ideias”. Compartilhando desse pensamento, encerro esta resenha afirmando que a obra em questão continua sendo essencial ao aluno iniciante de geografia em nível superior e a todos os que desejam conhecer as principais escolas geográficas e suas influências no desenvolvimento do pensamento geográfico.

MÓDULO

4

Produção e trabalhos científicos

4.1 Pensando em pesquisa

O termo pesquisar se refere ao processo através do qual as pessoas adquirem um novo conhecimento, com a finalidade de responder a um questionamento, resolver um problema ou satisfazer uma necessidade. Quando essa pesquisa se tratar de uma investigação planejada, desenvolvida e redigida conforme normas metodológicas, consagradas pela ciência, ela é denominada de pesquisa científica. Também podemos chamar esse processo de fazer científico ou de método científico.

Uma boa definição para o que estamos falando aqui pode ser obtida através da citação de Andrade (2003, p. 121), segundo o qual, pesquisa científica é o conjunto de procedimentos sistemáticos, baseado no raciocínio lógico, que tem por objetivo encontrar soluções para problemas propostos, mediante a utilização de métodos considerados científicos. Japiassu e Marcondes (1996, p. 131) compreendem o método como “um conjunto de procedimentos racionais, baseados em regras, que visam a atingir um objetivo determinado”. Portanto, seguindo a ideia desses autores, podemos afirmar que as normas e as regras em pesquisa buscam a objetividade, a confiabilidade nos processos empreendidos e nos resultados encontrados, e a comunicação dos fatos constatados de forma clara, precisa e universal (SPECTOR, 2001, p. 8). É importante lembrar que a ciência somente aceita como verdadeiro o que é confirmável mediante comprovação compatível com o método científico.

42

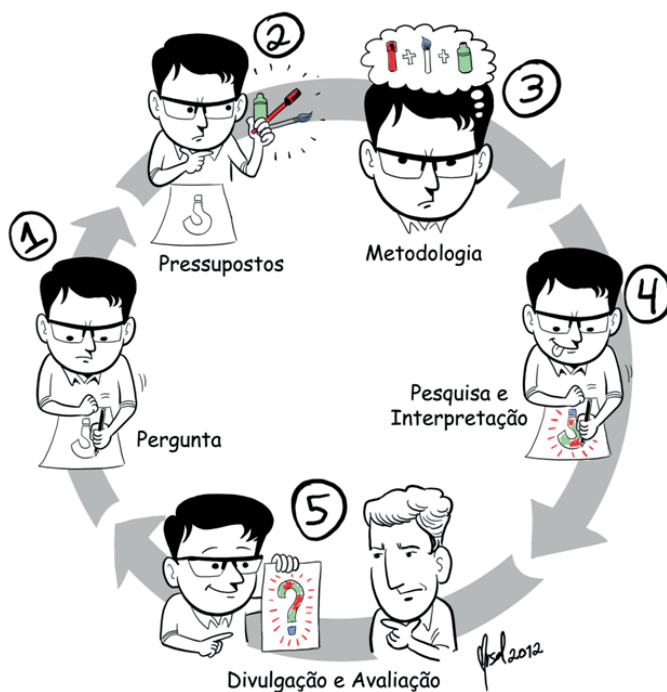
Sobre a busca de uma verdade objetiva e única na ciências, vale lembrar que toda ciência é subjetiva, pois depende da visão de como cada pesquisador encara o objeto pesquisado. Dessa forma, podemos afirmar que essa subjetividade deve ser encarada como estando alocada na questão do objeto a ser pesquisado. Por exemplo, você pode preferir estudar a cura do câncer com uma abordagem médica, enquanto outro pesquisador pode estudar a influência da música na terapia do paciente com câncer. Nesse caso, o objeto pesquisado pode parecer semelhante, mas a abordagem é bem diferente. Por outro lado, não devemos nunca achar que a metodologia utilizada é de cunho pessoal e subjetivo. A seleção e escolha da metodologia a ser seguida durante a pesquisa não está subordinada às preferências do pesquisador, mas, sim, deve estar de acordo com os objetivos pretendidos na pesquisa em questão.

O mais importante que você precisa entender é que a ciência, por ser um processo contínuo, sempre será vista do ponto de vista do pesquisador. Por tal razão, é importante estabelecer o método a ser usado na pesquisa, pois apenas dessa maneira será possível se analisar o estudo empreendido. Assim, é necessário entender claramente qual foi o posicionamento escolhido pelo pesquisador.

O método científico é conhecido como sendo um método dialógico. Em outras palavras, isso quer dizer que uma pergunta gerada deverá, ao ser respondida, gerar uma nova pergunta, nunca chegando ao fim — esse é o principal motivo para a ciência sempre ser dinâmica. Ao fazer uma pergunta, você irá obter uma resposta possível para ela; assim, você deverá colocar em teste sua ideia, obtendo um resultado que o conduzirá a uma nova questão. Não será você, necessariamente, que irá responder a próxima

pergunta, você poderá apenas iniciar a conversa, outra pessoa, partindo do seu trabalho, poderá conduzir uma nova discussão, indo para além do que você pensou no início de sua pesquisa. Por essa razão é tão importante, para a ciência, disponibilizar as pesquisas produzidas por ela de uma maneira fácil, como na internet, em bibliotecas etc.

Uma das formas do seu material ser avaliado será pelos demais cientistas, por essa razão você precisará seguir os passos apresentados abaixo, facilitando com que seus colegas da academia possam testar a validade do conhecimento produzido por você. Observe a imagem abaixo, logo em seguida vamos deixar mais claro cada passo.



Formular a pergunta. Você precisa fazer uma pergunta que deverá ser respondida, ela será a motivadora e razão principal de sua pesquisa. Será ela a primeira avaliada pelos demais cientistas. Aqui podemos pensar em alguns exemplos de perguntas: *por que chove tanto em determinada época do ano? Qual o melhor vegetal para se plantar em um terreno semiárido?* Note que temos em cena a subjetividade e a criatividade do pesquisador. Afinal, quem define qual pergunta será feita é apenas ele (ou seja, você). Claro que a pergunta precisa ser coerente e relevante.

Deixar claro seus pressupostos. Nunca se esqueça que nossas crenças, gostos, vontades e sonhos acabam por influenciar de forma decisiva qualquer pesquisa científica. Não existe problema algum com isso, apenas precisamos deixar claro, em nosso texto, esses nossos pressupostos. Por exemplo, se estou pesquisando o que a Bíblia afirma sobre o sábado ser ou não o dia de guarda ordenado por Deus (Êx 20), devo deixar claro que estou fazendo isso de uma perspectiva que considera a Bíblia como inspirada e a lê de forma mais literal (em outras palavras, para usar o termo teológico, que a interpreta de forma histórico-gramatical). Esses são meus pressupostos, não existe problema em usá-los, mas não posso considerar que eles não sejam determinantes para o resultado de nossas pesquisas. Afinal, se eu não ler a Bíblia de forma histórico-gramatical, será possível alegorizar o sábado como sendo qualquer dia, cabendo a mim escolher qual dia guardar. Viu só como nossos pressupostos fazem diferença em nossas pesquisas?

44

Escolher a metodologia. Vamos começar esse tópico com um exemplo: se você decidir pesquisar acerca de qual candidato os eleitores brasileiros preferem para presidente, será preciso utilizar de uma metodologia que privilegie questionários. Ou seja, será necessário valer-se de uma amostragem quantitativa. Assim, você perguntaria para mil pessoas se elas votarão no candidato A ou no B. Agora, se você quiser entender por que os eleitores preferem o candidato A e não o B, você poderá obter melhores resultados com um questionário qualitativo semiestruturado. Nesse caso você irá entrevistar vários eleitores, mas não buscará uma resposta simples. Irá querer ouvir todo um discurso das qualidades de cada candidato e de como o eleitor fez sua decisão. Deu para entender que a metodologia, ou seja, a forma com que eu irei obter meus dados, mudam segundo a sua pergunta/problemática? Sobre isso, não se preocupe, você irá estudar sobre as diversas opções metodológicas que compõem o seu curso em outras matérias ao longo de sua graduação.

Realizar a pesquisa. Interpretar os resultados. Até os passos anteriores, você só fez o “meio de campo”, ou seja, apenas determinou os pressupostos e as metodologias a serem utilizados, mas você ainda não fez sua pesquisa. Agora você deve colocar em prática tudo que determinou e escreveu. A partir daí você irá testar a validade de sua(s) hipótese(s) através da aplicação da metodologia escolhida. Com isso, será possível responder ou não a sua problemática, e confirmar ou não sua(s) hipótese(s).

Divulgar os resultados. Existe um ditado muito conhecido na academia, ele diz o seguinte “*Publish or perish*”, ou, em português, “*Publique ou morra*”. Uma pesquisa, por melhor que ela seja, só será útil se for conhecida, divulgada (tornada pública). Pode ser em forma de artigo em revistas científicas, pode ser em formato de livro (também científico) ou mesmo em apresentações em congressos com publicações de anais. Mas uma coisa é certa, você terá que publicar o seu trabalho, caso contrário

sua utilidade será restrita (principalmente porque é apenas com a publicação que o próximo passo será possível ser realizado).

Ser avaliado pelo seus pares na academia. Uma dica, se você não estiver pronto para receber críticas constantes ao seu trabalho, não pense em virar um pesquisador. Nada é mais comum e importante do que uma crítica bem feita a um trabalho publicado. Uma pesquisa por si só não terá importância nenhuma para a ciência. É apenas depois de vários cientistas, com pesquisas nessa mesma área, concordarem com os resultados obtidos, que veremos seu trabalho ter algum valor para a humanidade. Daí a importância de se construir uma metodologia clara e coerente. A análise dos cientistas não decairá sobre o resultado obtido, mas na maneira como foi possível obter tais resultados e se essa metodologia pode ser considerada válida. Apenas assim poderemos dizer que seu trabalho saiu da subjetividade, ou seja, contém uma pequena parte da verdade acerca de determinado assunto.

Novas perguntas são feitas (ou, quem sabe, a mesma pergunta!). Se seu artigo foi bem visto, bem avaliado e muito aclamado, parabéns. Você terá conseguido gerar mais discussões e novas pesquisas, que partirão de sua contribuição. Caso ele tenha sido mal visto, mal avaliado e recusado, não fique triste (na verdade, fique; mas vamos sacudir a poeira e dar a volta por cima, ok?). Entretanto, uma avaliação negativa também deve ter gerado discussões e, com isso, novas estudos para refutar o seu. Em resumo, o objetivo final de todo cientista deve ser o de gerar novas discussões e pesquisas.

45

4.2 Tipos de pesquisa

Como as pesquisas se referem aos mais diversos objetos, a diferentes áreas do conhecimento e apresentam objetivos muito diversificados, a sua classificação é algo importante e necessária. Elas podem ser classificadas de diferentes maneiras e é possível estabelecer múltiplos sistemas de classificação a partir de critérios específicos (GONÇALVES, 2001; GIL, 2002). A seguir abordaremos alguns dos principais critérios.

Note bem, aqui não estamos dispendo da palavra final acerca desse assunto, mas de apenas uma pequena ideia do que é aceito dentro do fazer científico. Como já dissemos, é por meio dele que a academia irá avaliar nossas produções. Afinal, se alguém se utilizar da mesma metodologia que você utilizou, seguindo os mesmos passos e procedimentos, ele deverá, no mínimo, ser capaz de entender como você chegou até a resposta da problemática levantada em sua pesquisa.

4.2.1 Sobre a finalidade da pesquisa

Quando você opta por fazer pesquisa, você precisa ter uma finalidade. Em outras palavras, precisa saber qual o alvo a ser alcançado, qual a pergunta a ser

respondida e qual o propósito/justificativa que conduziu o estudo. Dessa forma, podemos dividir a finalidade de uma pesquisa em pelo menos duas categorias, a saber:

- » *Pesquisa básica*: é toda e qualquer pesquisa que se propõem a buscar uma mera explicação funcional de um objeto/processo. Ela visa a gerar conhecimento por meio da compreensão e interpretação dos mais diversos fenômenos. Um exemplo disso pode ser fornecido através de uma pesquisa que objetive apenas entender como se dá o processo de mutação de um determinado cromossomo; ou de como se podem ser categorizados os diversos teóricos da educação.
- » *Pesquisa aplicada*: a diferença entre a pesquisa aplicada e a básica está no fato dela pretender ter uma aplicação mais direta na realidade natural. Esse tipo de pesquisa pretende gerar produtos/processos; objetiva a aplicação do conhecimento básico para produzir resultados práticos. Seguindo o mesmo exemplo da pesquisa básica, logo após pensarmos como se ocorre a mutação do cromossomo citado, podemos partir para entender como impedir (ou mesmo acelerar) essa mutação. Assim também será com as teorias da educação: entender como podemos classificar os diversos teóricos irá nos auxiliar a determinar se, por exemplo, a Teoria Crítica (uma forma de classificação teórica da educação) pode ser aplicada em determinada sala de aula da periferia de uma grande cidade — e, se sim, como?

46

4.2.2 Acerca dos procedimentos de pesquisa

Após termos definido a finalidade da nossa pesquisa, ou seja, o alvo a ser alcançado, precisaremos deixar claro qual será o caminho que percorremos para alcançar esse alvo, a isso chamamos de procedimento/método. Segue uma rápida descrição de alguns deles:

- » *Experimento*: aquele em que há a intervenção do pesquisador através da introdução e manipulação de variáveis no objeto do estudo, com o objetivo de descobrir os fatores que o influenciam ou que por ele são influenciados. Geralmente são realizados por amostragem. Suas principais características são aleatoriedade, imparcialidade e controle. Ex: ensaios clínicos, experimentos tecnológicos.
- » *Levantamento*: aquele que busca informação diretamente com um grupo de interesse. Se utiliza de questionários, formulários ou entrevistas. Possibilita quantificação e análise estatística. Ex: pesquisas de opinião, de motivação, censo.
- » *Documental*: aquela que visa a conhecer/analisar os diversos tipos de documentos e provas existentes sobre determinado fenômeno que, uma vez

organizados e sistematizados, produzem conhecimento científico. Considera-se documento “qualquer suporte que contenha informação registrada, formando uma unidade, que possa servir para consulta, estudo ou prova. Incluem-se nesse universo os impressos, os manuscritos, os registros audiovisuais e sonoros, as imagens, entre outros” (APPOLINÁRIO, 2009, p. 67).

- » *Bibliográfica*: aquela que utiliza material escrito ou gravado. São consideradas fontes bibliográficas os livros (de leitura corrente ou de referência, tais como dicionários, enciclopédias, anuários etc.), as publicações periódicas científicas, anais de congressos; acervos virtuais (bases de dados) etc. Visa a conhecer as diferentes formas de contribuição científica que se realizaram sobre determinado assunto ou fenômeno. Ex: estudos acerca de eventos históricos (CERVO, BERVIAN, 2007).
- » *Estudo de caso*: aquele que envolve o estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos de pesquisa. Visa a atingir um amplo e detalhado conhecimento acerca destes casos em particular. Geralmente divulga um fenômeno novo ou raro. Ex: Estudos de estratégias de marketing utilizadas por uma determinada empresa.
- » *Caso-controle*: com maior aplicação nas áreas da saúde, trata-se de uma investigação que compara indivíduos que apresentam uma doença (caso) com indivíduos sem a doença (controle), a fim de determinar fatores causais. São estudos retrospectivos (depois que os fatos ocorreram). Ex: relação entre o câncer de pulmão e o hábito de fumar.
- » *Coorte*: Refere-se a um grupo de pessoas que têm alguma característica comum, constituindo uma amostra a ser acompanhada por certo período de tempo, para se observar e analisar o que acontece com elas. É muito utilizado nas ciências da saúde. Ex: acompanhar pessoas expostas à radiação em um acidente nuclear.

47

4.2.3 Segundo as fontes de informação

Uma vez estabelecido os procedimentos a serem utilizados, precisamos definir qual será o local onde essas informações serão encontradas. Alguns desses locais poderão ser definidos da seguinte maneira:

- » *Pesquisa de campo*: aquela que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada, no próprio local onde os fatos ou fenômenos ocorrem espontaneamente.

- » *Pesquisa de laboratório*: descreve e analisa o que será ou ocorrerá em situações controladas, podendo ser realizadas em ambientes fechados ou abertos, reais ou artificiais, de acordo com o campo da ciência que a está realizando, e se restringe a determinadas manipulações e mensurações. Exige instrumental específico e preciso, e técnicas adequadas.
- » *Pesquisa bibliográfica documental*: a informação é obtida em diversos locais, tais como: em bibliotecas, bases de dados, revistas e periódicos, arquivos públicos ou particulares.

4.2.4 Falando sobre a natureza dos dados

Embora possa ser comum encontrar autores que optem por classificar as pesquisas quanto a natureza dos dados, essa separação não pode ser encarada de forma simplista, visto que na maioria dos casos as análises tem características mistas. O pensamento positivista, como defendido por Augusto Comte (1988), acreditava na supremacia das ciências matemáticas como único método científico. Dessa forma, se privilegiou de maneira grandiosa pesquisas com abordagens metodológicas voltadas aos instrumentais estatísticos. Entretanto,

48

quando o ser humano era considerado como um objeto puramente natural, seu conhecimento deixava escapar importantes aspectos relacionados com sua condição específica de sujeito; mas para garantir essa especificidade, o método experimental-matemático era ineficaz (SEVERINO, 2011, p. 118).

Dessa forma, não se considera um método superior a pesquisa puramente quantitativa, aquela que envolve apenas o uso da estatística, pois, de igual modo com a pesquisa qualitativa, vemos nelas possibilidades para a existência da subjetividade e da imparcialidade. Com isso em mente, podemos dividir em pelo menos três tipos de abordagens quanto a natureza dos dados:

- » *Abordagem quantitativa*: compreende basicamente pesquisas que se utilizem de estatística. Ex: qualquer tipo de censo (ver BAQUERO, 2009).
- » *Abordagem qualitativa*: preocupa-se com a compreensão, com a interpretação do fenômeno, considerando o significado que os outros dão às suas práticas e não se utilizam de dados estatísticos (ver STRAUSS; CORBIN, 2008; BAUER; GASKELL, 2002).
- » *Abordagem quantitativa-qualitativa*: aquela que apresenta uma integração entre as abordagens tanto quantitativa, no que se refere ao uso de estatísticas, como

qualitativa, no que se concerne à compreensão, com a interpretação do fenômeno, considerando o significado (ver BAPTISTA, 2007).

4.2.5 Acerca do tempo de execução

Toda pesquisa científica poderia se dar ao longo de um tempo infinito. Afinal, quanto maior o tempo de coleta de dados maior será a probabilidade da produção de um conhecimento mais coerente e confiável. Entretanto, a rapidez da ciência moderna exige que publiquemos constantemente nossos resultados, por essa razão precisaremos determinar um tempo finito para o recorte a ser pesquisado. Dessa forma, ao se planejar uma pesquisa é necessário se estabelecer o tempo de execução e esse se relaciona diretamente com os procedimentos previamente escolhidos.

- » *Transversal*: o pesquisador coleta os dados em um único instante no tempo, obtendo um recorte momentâneo do fenômeno investigado. Ex: estudo da abrangência de determinada campanha de vacinação.
- » *Longitudinal ou prospectivo*: o pesquisador coleta os dados em dois ou mais momentos, havendo um acompanhamento do fenômeno em estudo ao longo do tempo. Ex: acompanhar por um período de cinco anos o desempenho escolar de crianças inseridas em um novo método de ensino fundamental.
- » *Retrospectivo*: o pesquisador coleta dados a partir de informações e acontecimentos do passado. Ex: estudo dos motivos do abandono no esporte competitivo.

49

4.2.6 Uma última dica

O planejamento da pesquisa em sua dimensão mais ampla também costuma ser denominado como delineamento ou desenho da pesquisa, e envolve todos os seus fundamentos metodológicos.

4.3 Busca e seleção de informação

Depois de se planejar uma pesquisa, o passo seguinte é partir para a busca de informações sobre o assunto que se deseja obter ou aprimorar os conhecimentos. A validade e confiabilidade de uma pesquisa dependem diretamente

das fontes consultadas. Portanto, a seleção das fontes é primordial para a produção de um bom trabalho. Então surge a pergunta: por onde começar?

Geralmente a biblioteca de uma universidade poderá ajudá-lo a definir uma estratégia de pesquisa, indicando catálogos por assunto, sites e bases de dados, onde será possível encontrar informações relevantes sobre o tema a ser pesquisado. Na biblioteca estão disponíveis documentos impressos como os livros e as revistas, e também periódicos, enciclopédias e livros eletrônicos, além do acervo chamado “multimeio” que são os CD’s, DVD’s, tablets, *ebooks* etc. A seguir, estão algumas vantagens para se pesquisar em uma biblioteca:

- » As bibliotecas oferecem assistência profissional especializada cuja função é prestar auxílio na identificação dos melhores recursos para toda situação de pesquisa. Ajudam também a utilizar ferramentas de pesquisa tanto ao acervo manuscrito, como ao acervo digital, como as bases de dados, por exemplo.
- » A maioria dos recursos disponíveis na biblioteca passa por um processo de avaliação e organização, seguindo critérios de confiança, relevância e rigor;
- » Os recursos são de uso gratuito;
- » Todos os itens estão organizados por assuntos, áreas, temas que estão dispostos em estantes ou locais específicos facilitando assim a busca da informação;

50

É comum também a utilização de informação obtida por meio eletrônico (por exemplo a internet). Entretanto, em qualquer um desses casos, alguns critérios precisam ser estabelecidos na seleção das informações:

- » Nem toda a informação que circula na internet, ou mesmo na biblioteca, foi submetida a um rigoroso critério de avaliação e seleção. Por exemplo, no caso da internet, qualquer pessoa pode divulgar suas ideias ou invenções, sem que o conteúdo seja avaliado. As informações tanto podem ser escritas por um conhecedor do assunto, como simplesmente por um curioso. Sendo assim, tenha o cuidado de utilizar fontes reconhecidas por seus pares (os pesquisadores de uma mesma área);
- » É preciso que as informações obtidas sejam sempre atualizadas e a internet é uma ferramenta que facilita esse processo. Sendo assim, esteja atento para selecionar as informações atuais.

A internet permite também a utilização de buscadores específicos para investigações acadêmicas e científicas. O conteúdo dos periódicos eletrônicos ou

bases de dados é selecionado e organizado, permitindo a busca de informação precisa e mais confiável sobre uma variedade de assuntos. Muitas delas são de domínio público e podem ser acessadas gratuitamente de qualquer local. Outras permitem o acesso apenas a resumos e referências dos artigos, cobrando uma taxa pelo texto completo. E algumas bases de dados requerem uma assinatura, podendo ser consultadas somente nos locais onde estão disponíveis, geralmente nas bibliotecas das universidades.

4.4 Fontes de informação

Uma pesquisa será tão válida e relevante quanto suas fontes de informação. Assim, esta é uma etapa fundamental de qualquer estudo. Portanto, você precisará ter em mente alguns aspectos importantes que envolvem a seleção do material a ser pesquisado. A primeira peculiaridade é quanto a divisão destas fontes de informação em primárias e secundárias.

- » *Fontes primárias ou fonte original:* são produzidas diretamente, originadas no momento de ocorrência do evento. Podem ser um documento, uma gravação ou outra fonte de informação criados por um fonte-autoridade, que geralmente tem conhecimento pessoal direto dos eventos. Dessa forma, a fonte primária serve como fonte original sobre o tópico. Ex: correspondências e/ou diários de personagens históricos do passado; documentos escritos por cientistas importantes; tela original pintada por um renomado artista etc.
- » *Fontes secundárias:* Relacionam ou discutem informações e conclusões a partir derivadas de uma obra original. Sendo assim, pode ser um documento ou gravação que envolve interpretação, generalização, análise, síntese ou avaliação da informação primária. Em resumo, é uma forma de organizar o acesso a informações de fontes primárias e são elaboradas de várias formas, de acordo com a metodologia e com os objetivos propostos. Ex: todos os escritos não contemporâneos aos fatos narrados, tais como análise de uma obra antiga feita por um autor moderno.

Entretanto, cabe aqui uma informação relevante: os termos primários e secundários são relativos, pois algumas fontes podem ser classificadas de ambas as formas, dependendo apenas de como ela for encarada pelo pesquisador. Considerando essa subjetividade, é importante que você, com a ajuda de seu orientador, opte pela maior quantidade de fontes primárias, pois são elas que trazem maior confiabilidade a seu estudo. Abaixo seguem algumas fontes de informação e sua classificação:

- » *Revistas de atualidades*: são as constituídas por artigos e imagens que relatam acontecimentos da ordem do dia e temas de interesse geral. Fornecem informação ou opinião sobre cultura de massa, geralmente escritos por jornalistas. Seu conteúdo não segue o rigor científico, portanto devem ser usados com critério. Ex.: *Veja*, *Super Interessante* etc.
- » *Jornais*: um jornal é constituído de artigos sobre assuntos da atualidade diária. Fornece informação atualizada sobre acontecimentos importantes, editoriais, comentários e artigos de opinião. Conteúdo não avaliado com rigor científico, por isso também deve ser utilizado com critérios. Ex.: *O Globo*, *O Estado de S. Paulo* etc.
- » *Catálogo da biblioteca*: é uma base de dados pesquisável que reúne todos os documentos existentes na biblioteca. Ex.: Consulta do catálogo da biblioteca do Unasp (<http://biblioteca.unasp-ec.edu.br/>).
- » *Livros*: os livros tratam de temas variados. Geralmente reúnem a informação existente sobre um determinado assunto e apresentam argumentos relevantes do autor. Deve-se recorrer a eles quando se necessita de informação aprofundada sobre determinado assunto, para relacionar o tema de pesquisa com outros temas de interesse, para conhecer o que foi anteriormente publicado sobre o assunto, para encontrar resultados de investigações que sirvam de suporte a uma determinada tese.
- » *Enciclopédias*: são constituídas por pequenos artigos de caráter factual, escritos por especialistas nos mais variados temas focados. Deve-se recorrer a elas quando se busca informação básica e sucinta sobre um determinado tema, datas significativas, conceitos. Ex.: *Enciclopédia Barsa*.
- » *Revistas científicas*: São as publicações que reúnem um conjunto de artigos escritos por especialistas num contexto acadêmico ou profissional. Deve-se recorrer a elas para elaboração de uma investigação acadêmica, para conhecer o que já foi escrito sobre o tema em estudo e, principalmente para se buscar informações recentes e atualizadas. Ex.: *Gestão e negócios*, *Revista Educação*, *Cadernos de Saúde Pública*.
- » *Internet*: deve-se recorrer a internet para aquisição de informação atualizada, para acesso à página de bibliotecas, para busca de informação sobre empresa, instituições, para conhecer opiniões diversas, de especialistas ou não. Existem buscadores gerais, que trazem informações bastante genéricas sobre o assunto e podem conter textos ou informações nem sempre

confiáveis, como por exemplo o Google. E existem buscadores específicos, mostrando as referências e os resumos de artigos publicados em periódicos nacionais e internacionais, como as bases de dados especializadas em educação, em saúde etc. Ex. *Scielo* (www.scielo.br), *Biblioteca digital de teses e dissertações da USP* (www.teses.usp.br); *Biblioteca do Instituto de Artes* — UNICAMP (www.iar.unicamp.br/biblioteca).

Em se tratando de pesquisa científica, apenas as fontes que seguem rigorosamente o método científico serão confiáveis e aceitas. As demais somente poderão ser utilizadas se forem objeto de estudo, mas não como referencial teórico. É importante lembrar que a consulta a várias fontes de informação garantirá ao pesquisador a possibilidade de construção de argumentos sólidos e convincentes, além de condições para confirmar teorias e confrontá-las com diferentes pontos de vista. Para encontrar informação de qualidade é preciso tempo, dedicação e paciência. Esses aspectos são extremamente importantes para a seleção das fontes de informação para sua pesquisa.

4.5 Projeto de pesquisa

A pesquisa, por ser uma análise racional e sistemática, exige o planejamento criterioso de cada uma de suas etapas. O projeto é este documento, que explicita as ações a serem desenvolvidas ao longo do processo. É solicitado como primeira etapa de qualquer pesquisa a ser desenvolvida. São etapas previstas no projeto:

- a) formulação do problema;
- b) construção de hipóteses;
- c) especificação dos objetivos
- d) apresentação de justificativa;
- e) operacionalização das variáveis;
- f) definição da modalidade de pesquisa e da metodologia;
- g) determinação dos procedimentos de coleta, análise e interpretação dos dados;
- h) previsão da forma de apresentação dos resultados;
- i) determinação do cronograma de execução da pesquisa;
- j) definição dos recursos humanos, materiais e financeiros.

Estas etapas do projeto pretendem responder às clássicas questões: o quê? como? por quê? para quê? onde? quando? quantos? quais? Seguindo essa lógica, dispomos do fluxograma a seguir como recurso ilustrativo das etapas do planejamento da pesquisa.



O projeto de pesquisa interessa sobretudo ao pesquisador e a sua equipe, mas também é importante para: quem contrata os serviços de pesquisa, a entidade financiadora, os potenciais beneficiários de seus efeitos e os pesquisadores da mesma área.

4.6 Ética em pesquisa

4.6.1 Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)

O termo ética em pesquisa se aplica primariamente aos sujeitos da pesquisa, o que significa que estudos que envolvem seres humanos ou animais deve ser submetido à avaliação de um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), e deve ser aprovado pelo mesmo, antes de sua execução. O trabalho do Comitê de Ética é avaliar os aspectos éticos da pesquisa em relação aos indivíduos envolvidos. Nesses casos, há necessidade de elaboração de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) específico, que deverá ser assinado pelos sujeitos da pesquisa ou seus responsáveis. Para acesso a um modelo de TCLE consulte o manual de projetos do Unasp (COSTA, 2012).

A submissão de pesquisa ao CEP deve ocorrer obrigatoriamente via Plataforma Brasil (www.saude.gov.br/plataformabrasil), uma base nacional e unificada de registros de pesquisas envolvendo seres humanos, que trabalha por meio eletrônico. Através da Plataforma Brasil o projeto é encaminhado ao Comitê de Ética da instituição indicada e poderá ser acompanhado em seus diferentes estágios, desde a submissão até a aprovação.

O processo se inicia com a inserção do currículo do pesquisador na Plataforma Lattes (<http://lattes.cnpq.br>). Essa plataforma integra bases de dados de currículos, grupos de pesquisa e de instituições em um único sistema de informações. O currículo Lattes é hoje padrão nacional no registro da vida pregressa e atual dos estudantes e pesquisadores do país.

Com seu currículo Lattes atualizado, você poderá se cadastrar na Plataforma Brasil. Com isso estará apto a submeter um projeto de pesquisa para avaliação ética. Após a submissão, o sistema irá gerar para o pesquisador uma folha de rosto com os seus dados pessoais, da instituição responsável e da pesquisa. Esse documento deverá ser impresso e assinado pelo pesquisador e pelo coordenador de pesquisa da instituição.

4.6.2 Outros aspectos éticos relacionados à pesquisa

Existem outros aspectos éticos que se aplicam a qualquer tipo de pesquisa. São aspectos relacionados a forma de você reproduzir o conhecimento anteriormente adquirido. A seguir são listadas as principais situações que constituem infração ética em pesquisa, algumas das quais podendo inclusive gerar processos penais.

Como já vimos, em um trabalho científico é importante coletar informações providas de trabalhos de outros autores. Entretanto, poderemos incorrer em alguns erros antiéticos, tais como citar um pensamento de algum autor e tomá-lo como sendo de nosso própria autoria, não citando a origem de tal pensamento. E aqui não importa se você estará usando as mesmas palavras que o autor usou ou mesmo parafraseando sua ideia, o que importa é que a origem da pesquisa não é sua e deve ser indicada.

Outra problemática se relaciona a correta interpretação do pensamento do autor a ser citado em seu texto. Muitas vezes, por falta de tempo, acabamos não lendo todo o trabalho consultado e, por essa razão, acabamos por distorcer o pensamento original. Dizemos que determinado autor falou algo que, na verdade, não disse.

Outro aspecto ético que envolve a pesquisa, infelizmente, é o plágio. Nesse caso, o pesquisador pode se apropriar indevidamente de trabalhos inteiros ou mesmo partes de uma obra intelectual de qualquer natureza sem colocar os créditos para o autor original. Quando descoberto, o que ocorre com muita frequência graças a facilidade fornecida pela tecnologia atual, o pesquisador envolvido responderá por crimes de roubo de propriedade intelectual.

De forma frequente, alunos com boas intenções acabam por inserir nomes de outros alunos em trabalhos que estes não ajudaram a realizar. Em um primeiro momento pode parecer uma prática amigável. Entretanto, isso irá prejudicar o aluno não trabalhador a médio prazo, pois ele não terá aprendido a realizar a pesquisa. Além disso, e principalmente, você estará cometendo um procedimento antiético, pois conferiu autoria de pesquisa a quem não participou intelectualmente do trabalho. E isso, se descoberto, poderá se voltar contra você, invalidando o trabalho para todos os envolvidos.

4.7 Trabalhos científicos

Como vimos até agora, a pesquisa científica é uma investigação planejada que busca fundamentalmente contribuir para a evolução do conhecimento humano em todos os setores. Seu objetivo é responder a um questionamento, resolver um problema ou satisfazer uma necessidade. Trata-se de um processo contínuo e progressivo, que deve seguir critérios rigorosos de processamento das informações, conforme normas metodológicas consagradas pela ciência.

A aquisição de conhecimento científico promove uma constante renovação da ciência, por meio de novas descobertas, novas soluções ou ainda novos problemas que subsidiarão outros estudos. Entretanto, se os resultados obtidos por pesquisas não forem divulgados e aplicados, são destituídos de sentido e utilidade para a humanidade (FACHIN, 2005, p. 190).

Assim sendo, os trabalhos científicos visam a divulgação dos novos conhecimentos adquiridos por pesquisas científicas, e sua documentação por escrito pode ser elaborada de várias formas, de acordo com a metodologia e objetivos propostos. A partir de agora, apresentaremos a estrutura de um projeto de pesquisa, analisaremos como se construir um resumo, abordaremos a resenha e o artigo que são formas reconhecidas de publicação no meio científico.

Trabalhos científicos são aquelas produções que contribuem para a compreensão de certos problemas e se propõem a servir de modelo ou a oferecer subsídio

para outros trabalhos. Esses trabalhos, devem ser inéditos e elaborados de acordo com normas preestabelecidas para os fins a que se destinam. Rey (1978, p. 29) afirma que são como trabalhos científicos os seguintes tipos:

- » Observações ou descrições originais de fenômenos naturais, espécies novas, estruturas e funções, mutações e variações, dados ecológicos etc.;
- » Trabalhos experimentais cobrindo os mais variados campos e representando uma das mais férteis modalidades de investigação por submeter o fenômeno estudado às condições controladas da experiência;
- » Trabalhos teóricos de análise ou síntese de conhecimentos, levando à produção de conceitos novos por via indutiva ou dedutiva; apresentação de hipóteses, teorias etc.

As fontes de informação utilizadas nos trabalhos científicos podem ser primárias (formam a literatura na qual as informações são produzidas diretamente por autores de determinados assuntos) ou secundárias (organizam o acesso a informações de fonte primária) e são elaborados de várias formas, de acordo com a metodologia e com os objetivos propostos.

Para término de qualquer curso de graduação, normalmente os estudantes têm como compromisso elaborar um trabalho baseado em fontes bibliográficas. À medida que ascendem na carreira universitária, esses trabalhos vão exigindo maior embasamento, mais reflexão, mais amplitude e também muita criatividade. Esses trabalhos se distinguem quanto: ao nível da pesquisa, a profundidade, a finalidade do estudo, a metodologia utilizada, a originalidade do tema e as conclusões.

57

4.7.1 Característica dos trabalhos científicos

Seja qual for a natureza de um trabalho científico, ele precisa preencher algumas características para ser considerado como tal: assim, para Azevedo (2001, p. 20), um estudo é realmente científico quando:

- » Discute ideias e fatos relevantes relacionados a um determinado assunto a partir de um marco teórico bem fundamentado;
- » O assunto tratado é reconhecível e claro, tanto para o autor quanto para os leitores;
- » Tem alguma utilidade, seja para a ciência, seja para a comunidade;
- » Demonstra, por parte do autor, o domínio do assunto escolhido e capacidade de sistematização, recriação e crítica do material coletado;

- » Diz algo que ainda não foi dito;
- » Indica com clareza os procedimentos utilizados especialmente as hipóteses (que devem ser específicas, plausíveis, relacionadas com uma teoria e conter referências empíricas) com que se trabalhou na pesquisa;
- » Fornece elementos que permitam verificar, para aceitar ou contestar, as conclusões a que chegou;
- » Documenta com rigor os dados fornecidos, de modo a permitir a clara identificação das fontes utilizadas;
- » A comunicação dos dados é organizada de modo lógico, seja dedutiva ou seja indutivamente;
- » É redigido de modo gramaticalmente correto, estilisticamente agradável, fraseologicamente claro e terminologicamente preciso.

Uma boa investigação científica é um requisito fundamental para o sucesso de um trabalho científico. Para isso é necessário que o autor tenha domínio do assunto escolhido, capacidade de sistematizar, recriar e criticar o material coletado. Destaca-se a seguir qualidades de uma boa investigação científica:

- » *Delimitação precisa*: o objeto de estudo (problema ou assunto) a ser investigado deve estar bem delimitado. Precisa estar adequadamente circunscrito (quanto ao tempo e ao espaço), definido (quanto às categorias que emprega) e especificado (em relação à área maior do conhecimento que se inscreve) (ESPIRITO SANTO, 1992). Uma delimitação precisa é o primeiro passo para a adequada condução de uma pesquisa;
- » *Relevância temática*: para um tema ser relevante ele deve ampliar os horizontes do conhecimento acerca de um objeto e para isso deve ser original. Mesmo uma revisão bibliográfica pode preencher esse requisito, quando é capaz de reunir material sob um eixo novo;
- » *Fundamentação teórica*: a pesquisa científica é um processo que consiste em interpretar fatos segundo um referencial teórico. Sendo assim, ninguém pesquisa ou escreve sem que este marco esteja enunciado, explicitado e fundamentado;
- » *Clareza dos procedimentos*: os procedimentos adotados, ou a metodologia deve estar clara. Uma boa investigação permite que os dados sejam confirmados e as conclusões relatadas sejam aceitas ou contestadas;

- » *Rigor documental*: a apresentação das informações sobre as fontes dos dados obtidos pela observação ou pela leitura de autores deve ser rigorosa. Esse rigor é um dever ético indiscutível na comunicação científica e permite a identificação das fontes e verificabilidade dos dados. Essa documentação deve seguir as regras normativas universais;
- » *Organização lógica*: o trabalho científico deve ser apresentado numa sequência lógica, seja ela dedutiva (do geral para o particular) ou indutiva (do particular para o geral). Seja qual for a escolha o importante é que a comunicação dos dados seja clara e coerente;
- » *Estilo apurado*: estilo apurado significa dizer que o texto precisa ser redigido de acordo com as normas gramaticais, contenha frases claras e terminologia precisa e tenha um estilo agradável.

4.7.2 Trabalhos de caráter monográfico

Os trabalhos de caráter monográficos partilham da característica básica de uma monografia, que é estudar a fundo um único tema, uma única problemática. Contudo, esse estudo pode assumir formas diferentes. Assim, chamar de monografias a todos os trabalhos desse tipo pode causar certa confusão. Por isso se costuma dividir essas “monografias” em três categorias básicas: monografia, dissertação e tese, vamos falar sobre isso logo adiante.

Em todas elas deve-se utilizar uma estrutura composta por: capa, folha de rosto, sumário, introdução, desenvolvimento do assunto, considerações finais, referências e anexos (quando houver). O trabalho acadêmico de caráter monográfico pode ser chamado também de *paper*. Porém, existem divergências quanto a essa nomenclatura. Para não entrarmos nos méritos das discussões, o Unasp optou por chamar todos os trabalhos que desenvolverem uma estruturação monográfica, mas que não têm a finalidade de conclusão de curso (TCC), de *trabalho de caráter monográfico*. Para conhecer um pouco mais sobre esse trabalho, consulte o manual 4. Entretanto, já podemos dar algumas dicas sobre esse tema. A estrutura dos trabalhos científicos, em geral, é a mesma: *introdução, desenvolvimento e considerações finais*. Vamos falar sobre cada uma dessas seções.

Introdução: na introdução há a formulação clara e simples do tema ou objeto de investigação. O problema de pesquisa é apresentado de forma sintética. Há necessidade de problematizar a realidade para se buscar uma solução. A introdução apresenta também a metodologia a ser/que foi utilizada,

Manual de trabalhos acadêmicos

a justificativa do trabalho e faz-se referência a literatura relativa ao assunto, anteriormente publicada.

Desenvolvimento: o desenvolvimento é a fundamentação do trabalho. Deve-se considerar três fases ou estágios:

- » *Explicação:* analisar e esclarecer o tema de pesquisa, procurando suprimir o ambíguo ou o obscuro;
- » *Discussão:* fazer o exame, a argumentação e a explicação da pesquisa. As proposições são enunciadas, explicadas, fundamentadas e discutidas;
- » *Demonstração:* dedução lógica do trabalho, a demonstração do raciocínio. É a etapa de apresentação de provas e argumentações.

Considerações finais: como na introdução foi fornecida a formulação do problema de pesquisa, nas considerações finais se busca resumir a resposta encontrada no desenvolvimento.

60

Monografia

O trabalho monográfico pode ser compreendido como uma atividade de pesquisa científica, sendo geralmente solicitado para conclusão de cursos de graduação e de pós-graduação. A monografia é um estudo profundo sobre um autor, um tema, uma época, isto é, remete a um trabalho escrito sobre um tema específico: *mon(o)* = único, *graf(o)* = escrever. Segundo Marconi e Lakatos (2000, p. 219) “a monografia é um estudo sobre um tema específico ou particular, com suficiente valor representativo e que obedece a rigorosa metodologia”. São características de uma monografia:

- » Trabalho de um tema específico ou particular de uma ciência ou parte dela;
- » Trabalho escrito, sistemático e completo;
- » Escrito com uma metodologia específica;
- » Estudo pormenorizado e exaustivo de um caso;
- » Trabalho extenso em profundidade, mas limitado no alcance;
- » Contribui para a ciência de forma importante, por ser original e pessoal.

Dissertação

A dissertação é um tipo de trabalho científico apresentado ao final de um curso de pós graduação *strictu sensu* para obtenção do grau de mestre. Em relação à monografia, a dissertação aborda o tema em maior profundidade e se assemelha à tese na medida em que é fruto de reflexão e rigor científico. Para Salvador (1980, p. 35), “a dissertação é um estudo teórico, de natureza reflexiva, que consiste na ordenação de ideias sobre determinado tema”.

Sendo assim, dever haver sistematização, ordenação e interpretação dos dados. A dissertação exige metodologia própria do trabalho científico. Além da revisão bibliográfica, é preciso dominar o conhecimento do método de pesquisa e informar a metodologia utilizada na pesquisa.

Visto que não é possível a um indivíduo dominar a totalidade de uma ciência específica, é necessário que o tema de uma dissertação deva ser muito bem delimitado, para que possa ser tratado em profundidade. Embora não haja preocupação em apresentar novidades quanto a descobertas, o pesquisador expõe novas formas de se ver uma realidade já conhecida.

Tese

A origem da tese como uma modalidade de trabalho científico se encontra na Idade Média. A defesa de tese nas universidades representava “o momento culminante de quem aspirava ao título de ‘doutor’” (SALOMON, 1999, p. 211). A tese hoje é uma pesquisa exigida para obtenção do grau de doutor em programas *strictu sensu*.

A tese de doutoramento deve ser um trabalho original de pesquisa, para o qual o pesquisador deve conhecer a fundo quanto já foi dito sobre o tema. Sendo assim, embora sua estrutura seja semelhante à da monografia e à da dissertação, o tema deve ser mais amplo e aprofundado.

Para uma pesquisa eficiente tem que haver precisão dos dados, exatidão e clareza do tema. O pesquisador deve ter como objetivo dar informações precisas e sérias, de modo simples, direto, objetivo e bem definido. Apenas para constar, em programas de pós-doutoramento e ou livre-docência exige-se um documento chamado de “relatório científico”.

Artigo científico

Os artigos são relatórios escritos e publicados em *revistas* ou *periódicos* e descrevem o resultado de uma pesquisa original. A publicação dos primeiros periódicos ou revistas científicas se deu a partir de 1665. Mas os artigos com uma estrutura formal, como conhecemos hoje, surgiram após 1900 e a partir daí têm sido o principal meio de comunicação das ciências. Esse tipo de comunicação se destaca pelo

compromisso de uma publicação válida, ou seja, devem ser publicados em periódicos especializados de reconhecida política editorial.

Os artigos científicos são pequenos estudos, porém completos, que tratam de uma questão verdadeiramente científica. Têm como objetivo comunicar os dados de uma pesquisa, experimental, quase experimental ou documental e distinguem-se dos diferentes tipos de trabalhos científicos pela sua reduzida dimensão e conteúdo. Eles devem ser inéditos, ou seja, nunca publicado anteriormente e por exigirem exclusividade devem ser encaminhados apenas a uma revista de cada vez.

Na tabela abaixo você poderá perceber que existe vários tipos de artigos científicos, nela não estão todas as possibilidades, mas as principais. Sempre é importante lembrar que o tipo do artigo que você irá fazer deve ser escolhido seguindo os objetivos propostos e as regras estabelecidas pela revista científica na qual você irá publicar sua produção.

Tipo de Artigo	Finalidade
Artigo de Pesquisa Científica	Estudo que apresenta, por meio de uma metodologia científica, resultados e conclusões que solucionam um problema levantado pelo objetivo do trabalho.
Artigo de revisão da literatura	Apresentar dados publicados em literatura a respeito de um determinado assunto, confrontando e discutindo de uma maneira harmoniosa os achados antigos e atuais
Artigo de estudo de caso	Estudo profundo ou detalhado de um ou poucos objetos de pesquisa.
Artigo com discussões teóricas	Análise filosófica e epistemológica que trabalham as bases teóricas das ciências, discute os fundamentos da sociedade e tentam, através de algumas teorias, entender as relações sociais.

MÓDULO 5

Princípios de comunicação

5.1 Facilitando a comunicação

Escrever é um jeito de ser. Não há como um autor não estar presente em sua obra. Na construção de textos científicos este “estilo” também se manifesta. Se conhecimento consiste mesmo em “reduzir o que é experimentado na percepção como algo individual” (GRANGER, 1974), o texto é o lugar por excelência desta individualidade.

O autor de um texto científico tem que se autocompreender como um escritor; um escritor de texto científico, que assume que existe apenas uma única criação intelectual (MOLES, 1981). Nesse texto, o autor apresenta os resultados de sua pesquisa, que é, no fundo, um pretexto para comunicar suas ideias.

Azevedo (2001) afirma que “o conhecimento científico está voltado para a interpretação e transformação da realidade. Toda interpretação é um esforço para ordenar o caos. O texto é o estágio final desse processo”. É preciso que o autor compreenda sua grande responsabilidade ao escrever e que esta tarefa não é mais fácil do que reunir e analisar os dados. Sendo assim, alguns princípios básicos devem ser considerados para que haja uma boa comunicação:

64

- » *Escreva para ser lido*: você deve escrever algo que vale a pena ser lido. Para isso você deve acreditar na relevância de sua pesquisa e na qualidade de seu texto.
- » *Procure o melhor modo de comunicar suas ideias*: se sua ideia vale a pena descubra o melhor meio para atrair e informar o leitor. Para cada tipo de pesquisa há um tipo de relato e varias maneiras de dizer uma coisa: procure a melhor.
- » *Seja original*: originalidade está no tratamento do assunto, desenvolvido de um modo que ainda não foi experimentado. É escrever de forma autônoma (redigir de forma pessoal), agradável (desperta interesse do leitor) e criativa (escrever de modo a realçar aspectos do objeto de estudo). Segundo Nunes (1973, p. 84), original é o texto que reflete um imagem nova, uma relação inédita, um pensamento raro.
- » *Cultive a simplicidade*: quanto mais se conhece a língua, mais se escreve com simplicidade. “Escrever bem não é escrever difícil: é provocar sensações nos leitores” (AZEVEDO, 2001, p. 111). Quem escreve bem, não faz uso de frases rebuscadas, não pretende ser erudito e entre outras afetações, evita vocabulário de uso raro, quando é possível o uso de palavras comuns com a mesma eficácia. O texto deve ser elegante, conquanto não haja elegância sem simplicidade (GARCIA, 1994, p. 26).

5.1.1 Qualidades a serem alcançadas em um texto científico

Seu texto deverá também perseguir os princípios básicos de qualquer comunicação, como: clareza, concisão, correção, encadeamento, consistência, contundência, precisão, originalidade e fidelidade.

- » *Clareza*: escreva para ser entendido. O texto pode apresentar ao leitor dificuldade na compreensão do assunto mas jamais na falta de clareza do raciocínio do autor.
- » *Concisão*: procure dizer o máximo no mínimo. O texto precisa dizer o máximo no menor número possível de palavras.
- » *Correção*: escreva observando a ortografia, concordância e pontuação da língua portuguesa.
- » *Encadeamento*: o texto como um todo (frases, parágrafos e capítulos) deve estar encadeado de modo lógico e harmônico. As partes também devem apresentar simetria na sua estrutura e dimensão.
- » *Precisão*: seja preciso nas palavras e nos conceitos e lembre-se que a precisão exige que se busque a palavra certa.
- » *Consistência*: mantenha coerência nos termos. Os tempos verbais, os pronomes de tratamento e as grafias especiais devem ser coerentes ao longo do texto. Para os tempos verbais prefira a voz ativa. Para referir-se a si mesmo o autor pode escolher um tratamento (“eu”, “nós”, “o pesquisador”, “este pesquisador”) ou pode ser impessoal (“a pesquisa pretende” ou “pretende-se”). O importante é ser coerente ao longo do trabalho. O mesmo cuidado se aplica ao uso de numerais e palavras estrangeiras, na formatação de citações e outros aspectos.
- » *Contundência*: provoque o leitor com um texto que vai direto ao ponto. Afirme o que precisa ser afirmado e negue o que precisa ser negado sem rodeios e explicações desnecessárias.
- » *Originalidade*: seja original encontrando uma maneira diferente de dizer as mesmas coisas.
- » *Correção Política*: escreva de modo politicamente correto. Procure ser eticamente correto ao escrever e se afaste do uso de expressões de conotação etnocêntrica, especialmente as de cunho político, sexista e racista.

- » *Fidelidade*: seja honesto com o tema, com as fontes e com o leitor. O texto deve seguir parâmetros que impliquem em respeito ao objeto de estudo e às fontes empregadas. No uso das fontes, faça o possível para não distorcer a ideia do autor.

5.1.2 Falhas mais comuns na investigação científica

- » *Falta de clareza nos propósitos*: durante a pesquisa o autor deve sempre ter em mente seus objetivos, para que o leitor em nenhum momento tenha dúvidas aonde o autor quer chegar.
- » *Falta de originalidade do material*: todo o texto deve evidenciar originalidade. Há sempre uma contribuição própria do autor para a compreensão do objeto de pesquisa.
- » *Má organização do material expositivo*: as partes devem ser organizadas de modo lógico coerente e harmônico.
- » *Repetição de palavras-conceitos e informações*: a repetição de informações já apresentadas deve ser mínima e apenas para recordar o leitor.
- » *Desatualização bibliográfica*: o autor precisa acrescentar conhecimento e não apenas repeti-lo. Por isso, deve usar fontes adequadas e atualizadas.
- » *Excessiva dependência das fontes*: o material de pesquisa deve ser usado criteriosamente para que o texto não pareça uma colagem.
- » *Incorreção ou incoerência no sistema de referência das fontes*: é importante se ter coerência no formato utilizado para as citações, sempre deve-se seguir as normas da ABNT (ensinadas no próximo módulo).
- » *Dimensão excessivamente longa de títulos de capítulos ou tópicos*: esses devem ser apenas indicativos do conteúdo que se seguirá e não ter a pretensão de sintetizá-los.
- » *Inadequação de definição de termos*: Nunca use palavras e termos técnicos que possam causar dúvidas em seus leitores, entretanto, se for imprescindível explicita os termos empregados.

5.2 Apresentação oral - slides

Dentro de qualquer contexto organizacional, a apresentação oral é essencial para se defender uma pesquisa e/ou trabalho. E não seria diferente dentro da universidade. Portanto, será preciso que você desenvolva uma habilidade cada vez maior de falar e de se comunicar em público. Nesse sentido, listamos abaixo alguns requisitos mínimos para uma boa apresentação oral:

- » Ter o domínio do material que foi produzido; Possuir clareza em relação aos objetivos alcançados em sua pesquisa;
- » Manter uma postura física e psicológica adequada ao ambiente no qual você está apresentando seu trabalho. Não vá de chinelo e shorts em sua apresentação de TCC ou em uma entrevista de emprego, por exemplo;
- » Cuide para que você consiga sempre obter uma voz audível (mesmo que para isso venha a ser preciso utilizar recursos tecnológicos, tais como o microfone);
- » Antes de falar em público, não se esqueça de aquecer a voz com exercícios próprios. Faça uma apresentação para um colega e peça que ele o oriente sobre sua tonalidade de voz, dicção e rapidez na fala.
- » Evite fazer um *stand-up* em sua apresentação, mas procure ser espontâneo e agradável. O equilíbrio sempre é a melhor saída (e a mais complicada de se encontrar, é verdade).
- » Se houver perguntas sobre sua apresentação, fique calmo e explique o que for possível, afinal, o trabalho é produto seu e ninguém saberá mais sobre ele do que você.
- » Agradeça sempre ao grupo e ao orientador. Um trabalho dificilmente é fruto de uma única pessoa.

Assim, uma boa forma de se construir uma apresentação oral pode ser a seguinte: percorra seu trabalho e resuma as partes essenciais, depois disso, leia o que você retirou para uma pessoa que não o conheça, se ela entender sua argumentação, parabéns, você conseguiu seu objetivo. Agora é só ensaiar sua apresentação para que ela não pareça decorada e/ou artificial.

Embora não seja obrigatório, é interessante se produzir um material ilustrativo para auxílio na exposição oral (como *slides*, por exemplo). Sobre isso também podemos fornecer algumas orientações importantes:

- » Antes de começar a produzir os slides, leia o resumo de seu trabalho em voz alta. É importante você ter todo o contexto de sua argumentação em mente, antes de começar a produzir os *slides*;
 - » Não se esqueça, a primeira tela que aparecer deve vir com nome da instituição, o título do trabalho e nomes dos autores e também do orientador (no caso, o professor);
 - » Destaque os pontos principais da introdução, objetivos, métodos, discussão, conclusão e referências. Não se esqueça, as telas dos slides devem ser elaboradas na sequência lógica do trabalho, ou seja, as partes principais que você selecionou e resumiu;
 - » Escolha bem a cor de fundo da tela em comparação à cor das letras para não gerar dificuldades na visualização. Apresentações durante o dia devem usar telas mais escuras e apresentações durante a noite devem usar telas mais claras;
 - » O tamanho das letras deve ser superior a 20, mas cuidado para não exagerar. É preciso que todas as telas tenham uniformidade;
- 68
- » Não se esqueça de testar sua apresentação na sala/auditório que você for realizar sua apresentação oral. A responsabilidade de tudo estar funcionando (computador, projetor, som etc.) é somente sua;
 - » Atenção: não leia os slides no momento da apresentação. Prepare-se para expor sem ficar olhando à tela. Nunca vire as costas para os ouvintes. Por isso, não use textos longos retirados do trabalho. Procure expor em tópicos o assunto;
 - » Não abuse das ilustrações e nem dos efeitos de transição, entretanto, elas são essenciais para dar leveza e beleza a sua apresentação.
 - » Na última tela é sempre elegante colocar um “Muito Obrigado!” para que todos saibam que você finalizou sua exposição;

5.3 Apresentação escrita - pôster

A modalidade de pôster é uma forma de socializar resultados de maneira direta, rápida e eficiente. Essa modalidade é bastante usada em alguns congressos, tornando possível a disposição maior de resultados de pesquisas científicas em um tempo menor.

Levando em consideração a norma da ABNT - NBR 15437, a seguir apresentaremos os elementos básicos para se elaborar e apresentação um pôster. As informações a seguir também são baseadas no excelente material produzido por Pádua (2010).

- » Preocupe-se em redigir textos claros e objetivos, que sintetizem a introdução, a metodologia (material e método, quando for o caso) e os resultados. Também é importante a indicação de pelo menos duas referências bibliográficas.
- » Como o pôster será observado a uma distância de aproximadamente um metro, deve ser dada atenção especial ao tamanho das letras e dos recursos ilustrativos. O tamanho é padrão, estabelecido conforme a mostra; tendo a dimensão mais frequente de 0,90m x 1,20m;
- » Recomenda-se o uso de 50% do espaço para recursos ilustrativos. Entretanto, não se deve esquecer que em todas as tabelas e figuras é preciso se colocar legendas; as figuras são ilustrativas e não decorativas (ou seja, estão ali como parte do conteúdo).
- » O título deve ser grande, algo em torno de 3 cm. Também é preciso dar evidência ao nome do autor, nome da instituição e da agência financiadora (se houver, é claro);
- » É recomendada a permanência do autor junto ao pôster para eventuais explicações e também se costuma se produzir um folder explicativo ou resumo para ser distribuído aos participantes interessados. Esses poderão ficar disponíveis em uma caixa acoplada ao próprio pôster.
- » Uma dica: tanto para a apresentação oral quanto para a apresentação em pôster um dos programas mais usado é o *PowerPoint*.

Q
F
E
G
Q
F
E
F
E
F
E
G

MÓDULO 6

QWERTYUIOPLKJHGFDSA ZXCVCBNMQW
FDSAZXCVBNMQW UIOPLKJHGFD
ERTYUIOPLKJHGFD SAZXCVCBNMQW
GFDSAZXCVBNMQWERTYUIOPLKJHGF
QWERTYUIOPLKJHGFSAZXCVCBNMQW
FDSAZXCVCBNMQWERTYUIOPLKJHGFD
ERTYUIOPLKJHGFD SAZXCVCBNMQW
FDSAZXCVBNMQWERTYUIOPLKJHGFD
ERTYUIOPLKJHGFD SAZXCVCBNMQW
GFDSAZXCVBNMQWERTYUIOPLKJHGFD

**Formatação da
produção científica**

A parte textual de uma produção científica e bem como sua apresentação seguem normas técnicas de redação e formatação. Anteriormente discutimos as técnicas de redação. Agora, serão discutidas questões referentes à formatação de sua produção científica.

6.1 Formatação geral

Nesse primeiro momento iremos analisar algumas informações referentes à forma de apresentação do texto. Atente-se para não deixar passar nenhum detalhe, são muitas informações e elas podem te confundir facilmente.

- » *Formato*: os textos devem ser apresentados em papel branco, tamanho A4 (21 cm x 29,7 cm), digitados no anverso das folhas e na cor preta, exceto ilustrações (ABNT 14724, 2011).
- » *Fonte*: para a digitação, utiliza-se a fonte arial ou calibre tamanho 12, para todo o texto, inclusive a capa. Porém, há algumas exceções. A primeira é para as citações diretas com mais de 3 linhas. Nestes casos, a letra deve estar em tamanho 11 (ABNT 14724, 2011; ABNT 15287, 2005), além de colocar o texto com um recuo extra de 4 cm, acrescido à margem esquerda. A segunda exceção é para as notas de rodapé, paginação, legendas e fontes das ilustrações e das tabelas que devem estar com letras no tamanho 10 (ABNT 14724, 2005; ABNT 15287, 2005).
- » *Margem*: as folhas devem apresentar margem esquerda e superior de 3 cm; direita e inferior de 2 cm (ABNT 14724, 2005).
- » *Alinhamento e espaçamento*: todo o texto deve ser digitado com espaço 1,5 cm entre as linhas, excetuando-se as citações diretas com mais de três linhas, notas de rodapé e referências, digitadas em espaço simples. O texto deverá ter alinhamento justificado. Exceto as referências ao final do trabalho, elas devem ser separadas entre si por um espaço simples e branco e devem ser “alinhadas somente à esquerda do texto e de forma a se identificar individualmente cada documento”(ABNT 6023, 2002). As citações diretas são separadas do texto (anterior e posterior) por um espaço de 1,5 cm.
- » *Títulos das seções*: começam na parte superior da margem e são separados do texto que os sucede por dois espaços 1,5 cm. Da mesma forma, os títulos das subseções são separados do texto que os sucede e que os precede por dois espaços 1,5 cm (ABNT 14724, 2011). Os títulos e subtítulos (seções primárias, secundárias etc.) devem ser precedidos por

numeração e estar alinhados à margem esquerda da folha, sem recuo (ABNT 6024, 2003). O título e a sua respectiva numeração são separados apenas por um espaço de caractere. Não use pontos, traços ou travessões para esse fim. O texto que se segue ao título deve ser iniciado em outra linha (ABNT 6024, 2003). Exemplo:

4 A educação inclusiva no Brasil

4.1 A legislação brasileira

4.1.1 Aplicabilidade da legislação brasileira

- » *Numeração progressiva*: para evidenciar a sistematização do conteúdo do trabalho, adota-se a numeração progressiva para as seções do texto. Os títulos das seções primárias, por serem as principais divisões de um texto, iniciam-se em folha distinta. Destacam-se gradativamente os títulos das seções, utilizando-se os recursos de negrito, no sumário e, de forma idêntica, no texto folha (ABNT 14724, 2011).
- » *Parágrafos*: a primeira linha de cada parágrafo começa com um recuo de 1,25cm. Nas citações diretas com mais de 3 linhas, todas as linhas devem ter o mesmo recuo de 4 cm, inclusive a primeira linha.
- » *Notas de rodapé*: as notas são digitadas dentro das margens da caixa de rodapé, ficando separadas do texto por um espaço simples entre linhas e por filete de 3 cm, a partir da margem esquerda (ABNT 14724, 2011).
- » *Paginação*: conforme NBR 14724, item 5.4 (2005), as folhas são contadas, mas não numeradas, a partir da folha de rosto. A numeração é colocada a partir da primeira folha da parte textual, ou seja, a partir da introdução. Deve ser colocada em algarismos arábicos, no canto superior direito da folha, a 2 cm da borda direita em fonte tamanho 10, com o mesmo formato da letra usada no texto, ou seja, arial ou calibri.
- » *Anexos e Apêndices*: segundo a ABNT 15287 (2005), anexo “é um texto não elaborado pelo autor, que serve de fundamentação, comprovação ou ilustração”, já o apêndice “é um texto ou documento elaborado pelo autor, afim de completar sua argumentação, sem prejuízo da unidade nuclear do trabalho”. Ambos são elementos opcionais. Eles são identificados por letras maiúsculas consecutivas, travessão e pelos respectivos títulos. Ex.: ANEXO A — Constituição Federal; APÊNDICE A — Avaliação do rendimento escolar de alunos do Colégio Unasp. Excepcionalmente, utilizam-se letras maiúsculas dobradas na identificação dos anexos, quando esgotadas as letras do alfabeto. Ex: APÊNDICE A A — Fotos do projeto.

6.2 Citações

Com o objetivo de fundamentar uma nova pesquisa através de diversos estudos anteriores, os textos científicos são construídos a partir de citações de outros autores que abordam o mesmo assunto relativo ao trabalho em construção.

Assim, para que um trabalho tenha mais relevância teórica, o conteúdo do texto deve valer-se de citações dos mais diversos estudiosos no assunto; tais citações podem ser de cunho direto (aquelas em que há cópia literal de trechos do texto de um autor; palavra por palavra do que ele literalmente fala) ou de cunho indireto (aquelas em que você conserva a ideia do autor, mas conta com suas palavras de maneira a parafrasear o que foi escrito originalmente).

Essas citações conferem sustentabilidade teórica ao trabalho, servindo de base para que se desenvolvam reflexões e/ou novos conteúdos. É importante lembrar que se reconhece o aprofundamento teórico de um acadêmico pela capacidade reflexiva de lidar com diferentes autores e pontos de vistas sem fazer única e exclusivamente um trabalho de reprodução, mas sim, uma criação a partir deles; uma reflexão a partir do conhecimento já existente.

6.2.1 Citações indiretas

São aquelas em que as ideias apresentadas pelo autor original são resumidas ou apenas reapresentadas com o cuidado de não haver prejuízo da exatidão dessas informações. Em outras palavras, as ideias do autor serão apresentadas no trabalho em termos mais resumidos e não com a exatidão textual literal que foi originalmente escrito.

Contudo, o trabalho não é composto por ideias soltas: assim que alguma ideia é colocada no texto, deve-se procurar fazer referência ao seu autor original. Dessa forma, ao se fazer a referência, pode-se optar por escrever o sobrenome do autor dentro ou fora dos parêntesis junto à ideia representada. Se estiver fora dos parêntesis, ele deve vir em caixa baixa no corpo do texto seguido dos parêntesis com o ano de publicação da obra e o número da página. No caso do sobrenome vir dentro dos parêntesis, deve ser escrito todo em caixa alta, seguido do ano de publicação e número da página. Exemplos:

a) Para um autor:

No texto:

Como o nome do autor aparece no texto, resta colocar entre parênteses apenas o ano e a página da obra.

Rodrigues (2009) observou que as políticas de Segurança Pública podem incluir atuações policiais e políticas sociais, desde que voltadas para a manutenção da ordem pública.

De outro modo, a referência ao autor pode aparecer no final do texto:

As políticas de Segurança Pública podem incluir atuações policiais e políticas sociais, desde que voltadas para a manutenção da ordem pública (RODRIGUES, 2009).

A fonte usada no corpo do texto é Arial ou Calibri tamanho 12.

Dentro dos parênteses, apenas o sobrenome do autor aparece em letras maiúsculas.

Os dados da citação (ano, página, autor etc.) devem ser retirados da referência que virá no final do trabalho (no exemplo, a informação retirada é o sobrenome - RODRIGUES - e o ano da publicação - 2009):

Lembre-se: essa parte vai no final do trabalho

Referência:

RODRIGUES, D. A. Classificação de políticas de Segurança Pública. **Revista Brasileira de Segurança Pública**, v. 3, n. 5, p. 146-156, ago. 2009.

b) Para dois autores:

No texto:

Nesse sentido, José Cretella Júnior e Ana Pothin (1992) explicitam que o princípio da dignidade como princípio fundamental do Estado de Direito não é de se admitir qualquer comportamento, bem mesmo jurisdicional, que possa vir a atentar contra ele.

Ou de outra forma no texto:

Nesse sentido, os autores explicitam que o princípio da dignidade como princípio fundamental do Estado de Direito não é de se admitir qualquer comportamento, bem mesmo jurisdicional, que possa vir a atentar contra ele (CRETTELA JÚNIOR; POTHIN, 1992).

O ponto final vem apenas depois da citação

Os nomes podem aparecer completos e não apenas os sobrenomes no texto corrido.

Dentro dos parênteses, aparecem apenas os sobrenomes separados por ponto e vírgula.

76

Referência:

CRETTELA JÚNIOR, J.; POTHIN, A. **Comentários à Constituição de 1988**. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense, 1992.

c) Para três ou mais autores:

No texto:

Segundo Pradela *et al.* (2012, p. 129), “a utilização de fones de ouvido não atrapalha o desempenho dos alunos envolvidos com as leituras”.

Ou de outra forma no texto:

A utilização de fones de ouvido não atrapalha o desempenho dos alunos envolvidos com as leituras (PRADELA *et al.*, 2012, p. 129).

Referência:

PRADELA, G.; FOLLIS, R.; CARMO, F. **A falta de didática como motivadora do sono em sala de aula**. Engenheiro Coelho: Unaspres, 2012.

Não se usa “*et al.*” nas referências.

Essa expressão pode aparecer dentro ou fora do texto corrido.

6.2.2 Citações diretas (literais ou textuais)

São aquelas em que há cópia literal da frase ou parágrafo do autor. Dessa forma, ao especificar exatamente o que foi dito pelo autor, o texto deve conter as informações necessárias que indiquem o nome do autor, o ano da publicação e a página da citação na obra. As referências obedecem às mesmas especificações acima.

Se o texto diretamente citado contiver até três linhas, deve ser incluído no próprio corpo do texto, entre aspas. Exemplos:

Citações diretas curtas

No texto:

O texto entre aspas representa a citação literal da autora, no caso, Corbacho.

Segundo Corbacho (2012, p. 12), “o estudo mostra que até os 12 anos de idade os jovens da referida pesquisa possuem o cérebro mais suscetível a distrações em comparação com os adultos”.

Ou de outra forma no texto:

Segundo a autora, “o estudo mostra que até os 12 anos de idade os jovens da referida pesquisa possuem o cérebro mais suscetível a distrações em comparação com os adultos” (CORBACHO, 2012, p. 12).

Em citações diretas temos a obrigação de citar o número da página do texto original (em nosso exemplo a página é a 12). Já em citações indiretas não é obrigatória a colocação de paginação.

Referência:

CORBACHO, C. **A moda na infância**: estudos sobre a estética na mente infantil. Guarulhos: Editora Sou Fashion, 2012.

Citações diretas longas

Por outro lado, se o texto diretamente citado contiver mais de três linhas, deve aparecer em parágrafo(s) destacado(s) do corpo do texto (com recuo na margem de 4 cm à esquerda, corpo 11 e espaçamento simples entre linhas). Exemplo:

No texto:

Em considerações a respeito da utilização de teleconferências em programações evangelísticas, segundo Nichols, a teleconferência

— Espaço simples em branco.

Espaço de 4 cm, sem aspas com letras no tamanho 11.

permite ao indivíduo participar de um encontro nacional ou regional sem a necessidade de deixar seu local de origem. Tipos comuns de teleconferência incluem o uso da televisão, telefone, e computador. Através de áudio-conferência, utilizando a companhia local de telefone, um sinal de áudio pode ser emitido em um salão de qualquer dimensão (NICHOLS, 1993, p. 181).

Como foi utilizado o recuo, não se utiliza aspas na citação.

— Espaço simples em branco.

Ou de outra forma no texto:

78

Em considerações a respeito da utilização de teleconferências em programações evangelísticas, segundo Nichols (1993, p. 181), a teleconferência

— Espaço simples em branco.

Espaço de 4 cm, sem aspas com letras no tamanho 11.

permite ao indivíduo participar de um encontro nacional ou regional sem a necessidade de deixar seu local de origem. Tipos comuns de teleconferência incluem o uso da televisão, telefone, e computador. Através de áudio-conferência, utilizando a companhia local de telefone, um sinal de áudio pode ser emitido em um salão de qualquer dimensão.

— Espaço simples em branco.

Referência:

NICHOLS, F. D. **Evangelismo no século XXI**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1993.

Ao se apresentar o parágrafo de uma citação longa (ou mesmo curta), normalmente, mudanças estruturais como supressões, interlocuções, ênfases ou destaques são corriqueiras, dependendo do objetivo da citação em virtude do formato do texto.

a) Quando, por exemplo, necessita-se excluir da citação parte de seu conteúdo para que a ideia seja mais objetiva, faz-se uma supressão no texto apontando qual parte foi propositalmente suprimida através das reticências dentro de colchetes: [...]

No texto:

Nesta parte do texto, a supressão “[...]” indica que uma parte do texto original foi retirada por um motivo qualquer que pudesse contribuir com a lógica da pesquisa.

A teleconferência permite ao indivíduo participar de um encontro nacional ou regional sem a necessidade de deixar seu local de origem [...] Através de áudio-conferência, utilizando a companhia local de telefone, um sinal de áudio pode ser emitido em um salão de qualquer dimensão (NICHOLS, 1993, p. 181).

b) Quando existe a necessidade de se acrescentar alguma interpolação ou comentário adicional ao texto citado, usa-se apenas o comentário acrescido entre colchetes no texto da citação: [aqui vai o texto extra a ser acrescido pelo autor do trabalho]

79

Nas citações em recuo deve se usar fonte igual ao do corpo do texto, mas em tamanho 11 e espaçamento simples.

O fato de colocar a interpolação entre colchetes indicará que o comentário não provém do texto original, mas foi acrescido pelo autor.

No texto:

A teleconferência [algo cada vez mais presente em bancas de mestrado e doutorado] permite ao indivíduo participar de um encontro nacional ou regional sem a necessidade de deixar seu local de origem. Tipos comuns de teleconferência incluem o uso da televisão, telefone, e computador. Através de áudio-conferência, utilizando a companhia local de telefone, um sinal de áudio pode ser emitido em um salão de qualquer dimensão (NICHOLS, 1993, p. 181).

c) Quando se deseja enfatizar ou meramente destacar uma expressão ou ideia na citação referida, a mesma deve ser colocada em itálico de forma livre e,

posteriormente, deve-se acrescentar aos dados do autor entre parênteses a expressão “grifo nosso” apontando o destaque como não sendo original do texto:

No texto:

A teleconferência permite ao indivíduo participar de um encontro nacional ou regional sem a necessidade de deixar seu local de origem. Tipos comuns de teleconferência incluem o uso da televisão, telefone, e computador. Através de áudio-conferência, utilizando a companhia local de telefone, um sinal de áudio pode ser emitido em um salão de *qualquer dimensão* (NICHOLS, 1993, p. 181, grifo nosso).

Esta é a expressão que foi enfatizada. A ênfase pode ser feita nas palavras ou frases que forem necessárias.

A expressão “grifo nosso” aponta para a ênfase deliberada feita pelo autor da pesquisa.

80

d) Quando a citação original não se encontra em português e foi traduzida pelo pesquisador, deve-se de igual modo ser feita a menção de que o texto original foi livremente traduzido. Assim, o texto original será colocado no rodapé da página:

No texto:

A nota de rodapé deve ser gerada automaticamente e ter a mesma fonte do trabalho, mas em tamanho 10.

A interpretação simbólica supõe que os números em Daniel 9:24-27 devem ser entendidos de maneira não-literal, isto é, não como a definição de períodos precisos de tempo, mas considerados num sentido representativo (SHEA, 2007, p. 11, tradução livre).¹

No rodapé, a versão original do texto aparecerá:

Não é preciso citar outra vez a obra no rodapé

¹“The symbols interpretation assumes that the numerical figures in Daniel 9:24-27 are to be understood symbolically. That is, they are not to be understood as defining precise periods of time but are to be taken in a representative sense.”

6.2.3 Coincidências de sobrenome

Quando houver coincidência de sobrenomes de autores no trabalho, deve-se acrescentar-se as iniciais de seus prenomes nas citações diretas ou indiretas. Por

outro lado, se mesmo assim existir coincidência, coloca-se os prenomes por extenso dentro dos parênteses. Exemplo:

a) Quando, num trabalho, dois autores possuírem o mesmo sobrenome, dificultando a identificação de ambos, deve-se acrescentar as iniciais de seus prenomes:

No texto:

Fora dos parênteses:

Há tempos atrás, segundo Barbosa, C. (1958) e Barbosa, O. (1959), havia menos violência e as relações sociais eram mais vivenciadas.

Dentro dos parênteses:

Havia menos violência e as relações sociais eram mais vivenciadas (BARBOSA, C., 1958; BARBOSA O., 1959).

Como o sobrenome dos autores é igual, acrescentou-se as iniciais de cada a fim de diferenciá-los.

Da mesma forma ocorre dentro dos parênteses.

81

b) Se, por acaso, ainda houver igualdade nas iniciais dos prenomes, é preferível que os nomes completos sejam esclarecidos:

No texto:

Fora dos parênteses:

Há tempos atrás, segundo Barbosa, Cássio. (1958) e Barbosa, Celso. (1959), havia menos violência e as relações sociais eram mais vivenciadas.

Dentro dos parênteses:

Havia menos violência e as relações sociais eram mais vivenciadas (BARBOSA, Cássio, 1958; BARBOSA, Celso, 1959).

O prenome aparece por completo já que começa com a mesma letra do prenome do segundo autor.

Dentro dos parênteses, os prenomes aparecem completos em caixa baixa.

6.2.4 Coincidências de data

Veza ou outra, ocorre de um único autor publicar duas obras distintas, porém, no mesmo ano. Quando nos deparamos com as citações de diversos documentos de um mesmo autor publicados na mesma data, essas citações são distinguidas pelo acréscimo de letras minúsculas, em ordem alfabética (a, b, c etc.), após a data e sem espaçamento, conforme a lista de referências.

No texto:

Fonseca (2008a) afirma que há diferença entre Pedagogia Hospitalar e Classe Hospitalar. Entretanto, muito se tem discutido sobre classe hospitalar. Fonseca (2008b) afirma que defender uma pedagogia hospitalar é acreditar erroneamente em um novo formato de pedagogia.

Referência:

FONSECA, F. C. **Conceitos da pedagogia hospitalar**. São Paulo: Ingrid, 2008a.
_____. **Redescobrimo a pedagogia hospitalar**. São Paulo: Lacerda, 2008b.

A data é seguida de uma letra minúscula (a) para distingui-la da outra (b).

Nas referências finais, as datas irão igualmente separadas por letras.

82

Quando o autor é dono de várias obras datadas diferentemente, não haverá problemas como os apresentados acima. Porém, se existe a necessidade de se citar várias obras diferentes numa mesma referência, dentro do texto, as datas virão dentro do parênteses separados por ponto e vírgula. Exemplo:

No texto:

Muito se tem discutido sobre classe hospitalar. Fonseca (1999; 2001; 2005; 2010) afirma que defender uma pedagogia hospitalar é acreditar erroneamente em um novo formato de pedagogia.

Referências:

FONSECA, F. C. **Classes hospitalares**: uma breve introdução. São Paulo: Elixir, 1999.
_____. **Um novo olhar sobre as classes hospitalares**. Campinas: Unasbras, 2001.
_____. **As classes hospitalares e seus críticos**. São Paulo: Elixir, 2005.
_____. **O que são classes hospitalares?** São Paulo: Atlas, 2010.

Cada data aqui referida constitui um trabalho diferente.

6.2.5 Citação de citação (*apud*)

Em alguns momentos o pesquisador se depara com uma citação dentro de uma obra que não corresponde ao autor original da obra consultada. Tais citações correspondem a citações diretas de textos inseridos em outros trabalhos. Quando há a necessidade de citar outra citação (fazer menção a um autor citado em outra obra que não seja a dele) fazemos uma “citação de citação”.

A citação de uma citação é considerada fonte de informação menos confiável que uma citação de fonte direta, por isso o seu uso é pouco recomendável e só deve ser feito em casos de extrema necessidade por falta de acesso ao documento original. Nesse caso, cita-se o autor não consultado, seguido da expressão “citado por” ou da expressão “*apud*” (em itálico) e, então, o autor consultado. Exemplo:

No texto:

A citação de Goergen foi encontrada na obra de Balzan. Ou seja, a obra de Goergen não foi consultada pelo autor do trabalho.

Segundo Goergen citado por Balzan (2004, p. 36),

o que se espera no trabalho docente transcende ao exercício do ensino, vai além; é mais que uma mera transmissão de conhecimentos; é um partilhar de experiências, de vivências que favorecem a independência na aquisição de novos saberes e na geração de novas perspectivas científicas.

Utilizando a sigla *apud*:

Em vez dizer “citado por”, pode-se utilizar a expressão “*apud*” em itálico.

Segundo Sanmartin (*apud* CARMO, 2011, p. 36),

O ajuntamento fraterno entre os adeptos de uma mesa numa sociedade de estudantes no refeitório escolar é, comumente, considerado como desvantajoso devido aos desajustes da formalidade necessária no compartilhamento do que constitui o fator “intimidade”.

6.2.6 Informações verbais

Algumas informações que são utilizadas como fonte de pesquisa foram inicialmente coletadas através de uma palestra e, portanto, trata-se de uma “informação verbal”. Após a citação (direta ou indireta) acrescenta-se entre parênteses “informação verbal” seguido de uma nota de rodapé. A nota, por sua vez, será a responsável pela descrição da fonte da informação. Exemplo:

No texto:

A maioria dos que sustentam uma opinião sobre a alegação das sugestões hipnóticas através de alimentos gordurosos, normalmente fariam qualquer coisa por um *croissant* (informação verbal).¹

No rodapé:

¹ Comentário proferido por Felipe Carmo em palestra realizada no Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp) por ocasião do Simpósio Universitário, em 11 de setembro de 2011.

6.2.7 Equações e fórmulas

Conforme a ABNT 14724, item 5.8 (2011), para facilitar a leitura, devem ser destacadas no texto e, se necessário, numeradas com algarismos arábicos entre parênteses, alinhados à direita. Na sequência normal do texto, é permitido o uso de uma entrelinha maior que comporte seus elementos (expoentes, índices e outros). Exemplo:

84

$$x^2 a^2 + y^2 b^2 + z^2 c^2 = 1 \text{ (elipsóide)} \quad (1)$$

(2)

$$x^2 a^2 + y^2 b^2 - z^2 c^2 = 1 \text{ (hiperbolóide de uma folha)}$$

(3)

$$ax^2 + bx + c = 0 \text{ (fórmula de Bhaskara)}$$

6.2.8 Notas de rodapé

As notas de rodapé são digitadas dentro das margens da caixa de rodapé, ficando separadas do texto por um espaço simples entre linhas e por filete de 3 cm, a partir da margem esquerda na parte inferior da página do trabalho (ABNT 14724, 2011). Essas notas de rodapé são aplicadas quando:

- » Pretende-se fazer alguma explicação sobre: termos em língua estrangeira utilizado no texto; expressões originais ou que possam causar dúvida ou desconhecidas da maioria; o significado de neologismos;

- » Pode-se utilizar das notas em casos de traduções, levando para a nota de rodapé o texto original acompanhado de identificação de autoria;
- » Quando se quer debater alguma informação complementar, que não precisaria estar no corpo do texto, deixando-o mais direto;
- » *Note bem:* todas as regras de citações apresentadas anteriormente devem ser seguidas quando se faz necessária a citação de autoria em notas de rodapé. Entretanto, não se deve utilizar esse espaço como local para se alocar as referências bibliográficas.

6.2.9 Referências bibliográficas

As referências bibliográficas representam todos livros utilizados como base teórica para o trabalho sugerido. Assim, ao final de todas as considerações textuais, deve-se fazer um relatório de todas as obras consultadas, sejam elas em texto, áudio ou vídeo. As referências devem apresentar algumas características específicas de formatação na conclusão do trabalho a fim de instituir certa ordem entre as obras listadas:

- » Os elementos que constituem a citação bibliográfica devem ser inseridos apenas no final do trabalho;
- » O alinhamento somente à margem esquerda e de forma a se identificar individualmente cada documento, em espaços simples e separados entre si por um espaço simples em branco (ABNT 14724, 2011);
- » As obras devem ser dispostas em ordem alfabética pelo sobrenome do primeiro autor;
- » Para nomes e títulos iguais, observa-se o ano da publicação em ordem ascendente (das mais antigas para as atuais);

85

6.2.10 Formatação para livros na referência bibliográfica

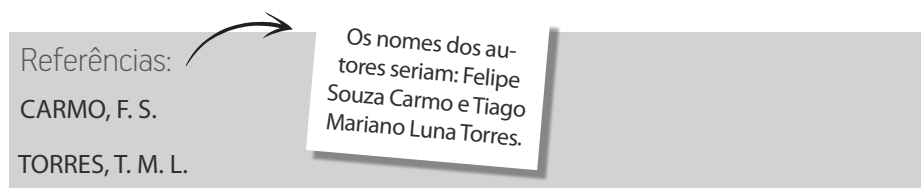
Os elementos que constituem a citação bibliográfica de um livro devem ser dispostos basicamente como segue o exemplo:

SOBRENOME, Iniciais do autor. **Título:** subtítulo. Local: Editora, ano.

De fato, nem todas as obras apresentarão todos os elementos citados acima, mas o conhecimento dessa disposição facilitará muito na organização da bibliografia posteriormente (e durante) à organização do trabalho escrito. Cada elemento da referência, entretanto, possui uma peculiaridade em sua formatação textual:

Autor

O sobrenome do autor deve aparecer em caixa alta logo no início das referências seguido pelas iniciais do autor ainda em letras maiúsculas:



Quando uma obra possui mais de um autor, os nomes devem ser separados por ponto e vírgula. Por outro lado, quando existem mais de três autores em uma obra, opta por se colocar o nome de todos eles nas referências, mesmo que se tenha utilizado da expressão “*et al.*” no corpo do texto:

86

No texto:

Segundo Corbacho *et al.* (2012, p. 12), “os gatinhos deve ser entendidos para além de uma mera coisa bonitinha e fofinha, eles também são lindos e amigos”.

Mesmo sendo utilizado no texto, não se utiliza a expressão “*et al.*” nas referências. Todos os autores da obra devem ser citados.

Referências:

CORBACHO, C.; FOLLIS, R.; CARMO, F. S.; FOLLIS, S.; PRADELA, G. **Gatinhos**: mais do que meros animais fofinhos. Eunápolis: Fina Estampa, 2012.

Quando os nomes referidos na obra não representam os autores originais do conteúdo do livro, porém, apenas sua função como “diretor”, “organizador”, “editor” etc., as siglas correspondentes a sua função (“Dir.”, “Org.”, “Ed.” etc.), na obra devem seguir as iniciais entre parênteses:

Referências:

CARMO, F. S. (Ed.).

TORRES, T. M. L. (Org.).

No caso de mais de um editor ou organizador acrescenta-se apenas um "s": (Eds.) e (Orgs.).

Na lista dos livros utilizados na bibliografia, normalmente, o nome de um mesmo autor aparece mais de uma vez em outras obras publicadas por eles. Quando seu sobrenome é repetido, acrescenta-se à segunda obra, e às seguintes, um travessão no lugar do sobrenome do autor. Exemplo:

Referências:

CARMO, F. S. (Ed.).

_____.

TORRES, T. M. L. (Org.).

_____.

Nestes casos, haveriam duas obras dos mesmos autores.

Título da obra

87

O título da obra deve aparecer na referência em negrito após as iniciais do autor (ou autores):

Referências:

CARMO, F. S. **A hipnose e a sedução.**

TORRES, T. M. L. **Misoginia.**

Note que os pontos finais não estão em negrito, nem os dois pontos no próximo tópico.

Se, por acaso, a obra referenciada possuir um subtítulo, ele deve aparecer após o título que estará separado através de dois pontos. O subtítulo, entretanto, não aparecerá em negrito:

Referências:

CARMO, F. S. **A hipnose e a sedução:** da teoria hipnótica à prática cotidiana.

TORRES, T. M. L. (Org.). **Misoginia:** interdição e preconceito contra a mulher na antiguidade clássica e na renascença inglesa.

Manual de trabalhos acadêmicos

Edições

Em virtude das muitas impressões de uma obra, o número de edições é apresentado na referência do livro. Assim, a edição deve aparecer com seu número (1, 2 ou 3) seguido do termo “ed.” indicando a expressão “edição”:

Referências:

CARMO, F. S. **A hipnose e a sedução**: da teoria hipnótica à prática cotidiana. 6. ed.

TORRES, T. M. L. (Org.). **Misoginia**: interdição e preconceito contra a mulher na antiguidade clássica e na renascença inglesa. 1. ed.

Local de publicação

O local (cidade) onde a obra referenciada foi publicada deve seguir o número de edição acrescentando-se posteriormente dois pontos:

Referências:

CARMO, F. S. **A hipnose e a sedução**: da teoria hipnótica à prática cotidiana. 6. ed. Tübingen:

TORRES, T. M. L. (Org.). **Misoginia**: interdição e preconceito contra a mulher na antiguidade clássica e na renascença inglesa. 1. ed. Engenheiro Coelho:

Quando a obra não pode especificar o local exato da publicação, a abreviação “S.l.” (do latim *sine loco*, que significa sem local) deve aparecer entre colchetes no lugar onde a especificação do local seria inserido:

Referências:

CARMO, F. S. **A hipnose e a sedução**: da teoria hipnótica à prática cotidiana. 6. ed. [S.l.]:

Editora

A editora do livro referenciado aparecerá após os dois pontos do local de publicação e seguido por uma vírgula. Não existe a necessidade de inserir na referência indicações mais específicas como “editora”, “livraria”, “companhia” etc. Quando não for possível determinar a editora, adota-se entre colchetes a abreviatura “s.n.” (do latim *sine nomine*, que significa sem editora).

Referências:

TORRES, T. M. L. (Org.). **Misoginia**: interdição e preconceito contra a mulher na antiguidade clássica e na renascença inglesa. 1. Ed. Engenheiro Coelho: Unaspress,

CARMO, F. S. **A sedução**: da teoria à prática. 6. ed. Tübingen: [S.n.],

Na falta do local e da editora devemos proceder da seguinte forma:

Referências:

BATES, J. **Diário de bordo**: histórias sobre minha ida ao Brasil. [S.l.: s.n.],

Ano de publicação

O ano em que o livro foi publicado deve aparecer logo após a vírgula. Quando no documento não constar data, indicar uma das prováveis datas: usar [2012?] para designar uma data aproximada / [200-] para uma década certa / [20--] para o século certo / ou [2012] para data certa, mas que não consta na obra/livro:

89

Referências:

TORRES, T. M. L. (Org.). **Misoginia**: interdição e preconceito contra a mulher na antiguidade clássica e na renascença inglesa. 1. ed. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2012.

CARMO, F. S. **A sedução**: da teoria à prática. 6. ed. Tübingen: Madras, [18--].

As referências são justificadas à esquerda.

Quando o mesmo autor possui obras publicadas em um mesmo ano, para que não exista confusão nas referências bibliográficas, o ano de publicação deve ser seguido de uma vogal para diferenciá-lo do outro:

Referências:

CARMO, F. S. **A hipnose e a sedução**: da teoria hipnótica à prática cotidiana. 6. ed. Tübingen: Madras, 2000a.

_____. **Hipnose**: diverta-se com os amigos. 2. ed. Tübingen: Madras, 2000b.

Volumes

O número da publicação na série de volumes deve ser indicado com algarismos arábicos (mesmo que apareça na publicação em romanos) após a data de publicação. O volume será indicado pela sigla “v.” seguida de seu número:

Referências:

CARMO, F. S. **A hipnose e a sedução**: da teoria hipnótica à prática cotidiana. 6. ed. Tübingen: Madras, 2000. v. 1.

TORRES, T. M. L. (Org.). **Misoginia**: interdição e preconceito contra a mulher na antiguidade clássica e na renascença. 1. Ed. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2012. v. 3.

Resumindo, um modelo simplificado de uma referência simples deve basicamente aparentar como se segue:

SOBRENOME, Iniciais do autor. **Título**: subtítulo. Local: Editora, ano.

90

6.2.11 Outras formatações para a bibliografia

Além das citações comuns, devemos atentar para outras diversas maneiras de citar documentos de distintas naturezas (teses, monografias, vídeos, áudios etc.). O padrão, porém, não fugirá muito daquilo anteriormente citado, fazendo com que apenas algumas alterações e acréscimos sejam inseridos. Quando, por exemplo, no trabalho, há a necessidade de lidarmos com uma tese ou dissertação, a referência bibliográfica aparecerá da seguinte maneira:

SOBRENOME, Iniciais do autor. **Título**: complemento do título. Local, ano. Número de folhas. Tipo de trabalho (Grau e área). Unidade de ensino, Instituição.

Referências:

ARAÚJO, G. P. **Causa eficiente do objeto da educação**. São Paulo, 1979. 244f. Dissertação (Mestrado em educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1979.

PRADELA, G. S. **Estudos sobre a Umbanda**. São Paulo, 2011. 510f. Tese (Doutorado em teologia) - Faculdade de Teologia da Universidade do Vale do Amanhecer, Rio de Janeiro, 2008.

Para a referência de dicionários, enciclopédia, manual e guias:

NOME DA ENCICLOPÉDIA. Local: ano. Volumes.

Referências:

NOVO TESOURO DA JUVENTUDE. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc. Editores, 1972. 18v.

Quando um capítulo específico de um autor distinto daquele que editou ou organizou o livro é citado, faz-se referência a obra do autor dentro do livro. Para tanto, coloca-se uma referência dentro da outra como se segue:

SOBRENOME, Iniciais do autor. Título da parte: subtítulo. In: SOBRENOME, Iniciais do editor ou organizador. **Título do livro:** subtítulo. Local: editora, ano.

Referências:

SILVA, F. L. Como cultivar um bigode à luz de Friedrich Nietzsche: um estudo niilista. In: FOLLIS, R.; (Org.). **Amor à filosofia:** estudos selecionados sobre personagens legais da história da filosofia. São Paulo: Madras, 1985.

Para um documento disponível no meio eletrônico, segue-se a mesma lógica sugerida, porém, com a especificação do endereço disponível na web e a data da última visita feita ao mesmo endereço (o modelo serve para qualquer referência bibliográfica disponível na internet):

SOBRENOME, Iniciais do autor. Título do documento consultado. Ano de publicação. Disponível em: <endereço eletrônico>. Acesso em: data de acesso.

Referências:

ALVES, C. Navio negreiro. Virtual Books, 2000. Disponível em: <<http://bit.ly/NoizoW>>. Acesso em: 10 jan. 2002.

Para fazer referência aos artigos ou resenhas em periódicos (inclui partes de publicações periódicas [volumes, fascículos, números especiais e suplementos, com título próprio], comunicações, editorial, entrevistas, resenhas, reportagens, resenhas e outros). Se ele for online, se acrescenta a informação disponível em (seguido do endereço eletrônico, colocado entre "<" e ">") e da data de acesso (colocada no seguinte formato: 12 jan. 2012). Segue exemplos:

Publicação em papel (impresso)

SOBRENOME, Iniciais do autor. Título do artigo: subtítulo. **Título do periódico**, local da publicação, volume, número, paginação, mês de publicação, ano de publicação.

HOLDORF, R. D. Jornalistas adventistas e suas relações com a imprensa secular. **Acta Científica**, Engenheiro Coelho, v. 20, n. 3, p. 38-52, set-out. 2011.

Publicação online

SOBRENOME, Iniciais do autor. Título do artigo: subtítulo. **Título do periódico**, local da publicação, volume, número, paginação, mês de publicação, ano de publicação. Disponível em: aqui vai o link. Acesso em: xx três primeiras letras do mês xxxx.

FOLLIS, R.; CARMO, F. "Homobibliismo": abordagens bíblicas pró-homossexuais? **Kerygma**, Engenheiro Coelho, SP, volume 7, número 2, p. 103–113, 2º sem. de 2011. Disponível em: <<http://www.unasp-ec.com/revistas/index.php/kerygma/article/view/417/365>>. Acesso em: 9 jun. 2012.

A diferença entre a referência impressa e a online está nas últimas informações.

92

Para publicação periódica como um todo:

NOME DO PERIÓDICO. Local de Publicação: Editora, data de início e encerramento da publicação (se houver).

Referências:

REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA. Rio de Janeiro: IBGE, 1943- 1978. Trimestral.

Quando há a necessidade de citar-se artigos em jornais (que incluem comunicações, editorial, entrevistas, reportagens, resenhas e outros), segue-se o exemplo:

SOBRENOME, Iniciais do autor. Título. **Título do jornal**, Local de Publicação, Data de Publicação, Caderno ou parte do jornal, Paginação correspondente.

Referências:

NAVES, P. Lagos andinos dão banho de beleza. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 28 jun. 1999. Folha Turismo, Caderno 8, p. 13.

Para partituras (o que inclui partituras impressas e em suporte ou meio eletrônico):

SOBRENOME, Iniciais do autor. **Título**. Local. Editora, Data. Designação específica. Instrumento a que se destina.

Referências:

BARTÓK, B. **O mandarim maravilhoso**. Wien: Universal, 1952. 1 partitura. Orquestra.

Para fazer referência a gravações sonoras (o que inclui CD, cassete, rolo etc.):

SOBRENOME, Nome. **Título**. Local, Gravadora, Data. Especificações do suporte.

Referências:

NOVO TOM, **Novo Tom ao vivo**. Engenheiro Coelho: Novo Tempo, 2010. 1 CD.

Para fontes online (onde se inclui base de dados, listas de discussões, arquivos em disco rígido, programas, conjuntos de programas e mensagens eletrônicas entre outros):

Título do texto, com primeira palavra em maiúscula. In: SITE CONSULTADO. **Nome da Base de Dados**. Data. Disponível em: <endereço eletrônico>. Acesso em: data de acesso.

Referências:

ÁCAROS no Estado de São Paulo. In: FUNDAÇÃO TROPICAL DE PESQUISAS E TECNOLOGIA "ANDRÉ TOSELLO". **Base de dados Tropical.doc**. 1985. Disponível em: <<http://www.bdt.fat.org.br/acaro/sp/>>. Acesso em: 30 de maio 2002.

Para trabalhos apresentados em evento:

SOBRENOME, Nome. Título do trabalho apresentado. In: Nome do evento, Numeração do evento (se houver), Ano, local de realização. **Título do documento** (anais, atas etc.). Local: Editora, Data de publicação, Página inicial e final da parte referenciada.

Referências:

BONSANTO, F.; CARMO, F. A beleza das flores. In: SIMPÓSIO SOBRE COISAS BONITAS, 2012, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 2012. p. 16-29.

Manual de trabalhos acadêmicos

Para imagens em movimento (inclui filmes, videocassetes e DVD):

Título. Diretor ou Produtor. Local: Produtora, Data. Especificações do suporte.

Referências:

OPOSTOS de uma mesma história. Produção do curso de Comunicação Social do Unasp. Egenheiro Coelho: Unasp, 2012. 1 DVD.

OS PERIGOS do uso de tóxicos. Produção de Jorge Ramos de Andrade. São Paulo: CERAVI, 1983. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=JW8WNPF5TDC4>>. Acesso em: 30 mai. 2002.

Documento jurídico inclui legislação, jurisprudência (decisões judiciais e doutrina).

Jurisdição. Título com numeração e data; Dados da publicação.

Referências:

94

SÃO PAULO (Estado). Decreto nº 42.822, de 20 de janeiro de 1998. **Lex:** coletânea de legislação e jurisprudência, São Paulo, v. 62, n. 3, p. 217-220, 1998.

Para jurisprudência (decisões judiciais) compreende súmulas, enunciados, sentenças e demais decisões judiciais.

Jurisdição e órgãos judiciários competentes. Título, Número; Partes envolvidas (se houver); Relator; Local; Data.

Referências:

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. Súmula nº 14. In: _____. **Súmulas.** São Paulo: Associação dos Advogados do Brasil, 1994. p. 16.

Para doutrina, inclui qualquer discussão técnica sobre questões legais.

Referências:

BARROS, Raimundo Gomes de. Ministério Público: sua legitimação frente ao Código do Consumidor. **Revista Trimestral de Jurisprudência dos Estados**, São Paulo, v. 19, n. 139, p. 53-72, ago. 1995.

6.2.12 Peculiaridades na área de teologia

Normalmente existem peculiaridades que caracterizam um curso específico e sua maneira de lidar com a informação da pesquisa. Um estudante de engenharia, por exemplo, se utilizará de facetas matemáticas exclusivas para o seu trabalho que uma estudante de letras possivelmente nunca usaria. Em virtude de tal diferenciação, seguiremos exemplificando algumas dessas peculiaridades temáticas como se apresentam frequentemente no curso de teologia.

Citações de Ellen G. White

Embora muitos livros publicados de Ellen G. White possam ser citados conforme exemplificamos acima — através de exemplos relacionados a livros, periódicos etc. —, existem alguns documentos específicos que devem ser formatados de maneira pessoal instituída por motivos de padronização. Em geral, qualquer trabalho escrito por Ellen G. White pode ser facilmente encontrado na internet através de alguns sites que disponibilizam seus escritos gratuitamente.¹ Nem todas as publicações poderão ser encontradas com todos os dados exigidos para a formatação na bibliografia, como, por exemplo, uma carta ou um manuscrito. Em virtude de singularidades como essas, certos padrões foram formulados a fim de fazer referências aos documentos de caráter específicos.

Para citações de livros e periódicos as normas de formatação são as mesmas apresentadas até aqui, por exemplo, para livros:

Referências:

WHITE, E. G. **O grande conflito**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

_____. **O caminho a Cristo**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2009.

Para periódicos antigos relacionados à Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), é preferível que o documento seja citado na íntegra através de uma consulta legítima do mesmo. Atualmente, existem possibilidades de se investigar os artigos originais oriundos dos documentos da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), por isso, a partir de uma referência ao periódico consultado, é possível informar a respeito da fonte na internet.

¹ — Os sites mais utilizados, relativos ao Espírito de Profecia, talvez, possam ser resumidos em dois: 1) *Ellen White Books*, que está disponível em: <www.ellenwhitebooks.com>; e 2) *Ellen G. White Writings in Multiple Languages*, disponível em: <www.egwwritings.org>. Além de outro site relacionado a periódicos antigos e outros documentos da Igreja Adventista do Sétimo Dia: *Adventist Archives*, disponível em: <www.adventistarchives.org>.

Referências:

WHITE, E. G. Marring and giving in marriage. **Review and Herald**, v. 65, n. 39, p. 609-610, set. 1888. Disponível em: <<http://bit.ly/NjJ9Bm>>. Acesso em: 8 jul. 2012.

_____. The death of Samuel. **The Signs of the Times**, v. 14, n. 40, p. 625-626, 19 out. 1888. Disponível em: <<http://bit.ly/PFBStE>>. Acesso em: 8 jul. 2012.

O melhor site disponível para pesquisar parece ser o www.adventistarchive.org

Por outro lado, quando lidamos com documentos de caráter específico, como: *cartas, panfletos, manuscritos etc.*, algumas formatações singulares foram estabelecidas para designá-los no decorrer do trabalho. Contudo, para indicá-los, é de extrema importância que a obra tenha sido, de fato, analisada em seu conteúdo original, do contrário, pode-se evitar maiores esforços citando livros que constituem compilações de diversos documentos, como, por exemplo, os volumes da série *Mente Caráter e Personalidade* — onde diversas cartas e manuscritos são citados.

96

Se a análise do documento é de caráter mais específico, de maneira que exija uma citação direta do documento dessa natureza, não haverá uma forma de inseri-lo na bibliografia final do trabalho. As referências relativas a eles deverão vir apenas no texto corrido do trabalho entre parênteses formatados da seguinte maneira:

Para a citação de *manuscritos*, a devida argumentação da autora deve ser colocada no texto seguida da referência entre parênteses do documento, especificando “*Autora, Manuscrito, Ano*” (exatamente com os dois últimos itens em *itálico*). Exemplo:

No texto:

Segundo a autora, “Cristo é o poderoso curador de todas as doenças. Foi pobre e, contudo, era o centro de toda beneficência, de toda bênção. Ele é um reservatório de poder para todos” (Ellen G. White, *Manuscrito 22, 1898*).

Essas citações não serão referenciadas no final do documento, devendo aparecer apenas no corpo do texto.

Ou:

Segundo Ellen G. White (*Manuscrito 22, 1898*), “Cristo é o poderoso curador de todas as doenças. Foi pobre e, contudo, era o centro de toda beneficência, de toda bênção. Ele é um reservatório de poder para todos”

Quando se trata de cartas, o exemplo é praticamente o mesmo, porém, com a titulação que o corresponde:

No texto:

A autora diz ter notado “alguma oportunidade de ver grande vantagem na associação com as obreiras da U.F.T.C.”, mas ter visto com surpresa “certa indiferença de muitos de nossos líderes” (Ellen G. White, *Carta 274, 1907*).

Ou:

Ellen G. White (*Carta 274, 1907*) diz ter notado “alguma oportunidade de ver grande vantagem na associação com as obreiras da U.F.T.C.”, mas ter visto com surpresa “certa indiferença de muitos de nossos líderes”.

Ainda em casos relacionados a cartas, quando existe uma delimitação específica de destinatário e remetente, o modelo da carta deve seguir os padrões que seguem:

No texto:

Na carta a Baker, ela escreve:

Seja cuidadoso, exageradamente cuidadoso, ao tratar da natureza humana de Cristo. Não o apresente como um homem com propensões para o pecado. Ele é o segundo Adão [...] Ele poderia ter pecado; poderia ter caído, mais nem por um momento houve nele uma má propensão. Ele foi assaltado com tentações no deserto, tal como Adão foi assaltado com tentações lá no Éden [...] Irmão Baker, evite toda e qualquer questão relacionada com a humanidade de Cristo que pode ser mal entendida (Ellen G. White, *carta a W. L. H. Baker, fev., 1896*).

Em outros casos mais específicos de documento, a referência deve seguir a mesma lógica no texto, seguindo, apenas, um formato diferenciado que os caracterizem dos demais. Por exemplo:

- » *Boletins da General Conference*: deve ir no texto como: (General Conference Bulletins, 16 mai. 1913).
- » *Biografias*: deve aparecer no texto como: (Arthur L. White, *Biography*, v. 1, p. 256).
- » *Coleções diversas*: aparecerão como: (Ellen G. White, *Spalding and Magan Collection*, 5 nov., 1896, p. 45).

Manual de trabalhos acadêmicos

- » *Panfletos*: devem seguir a referência no texto como: (Ellen G. White, *An appeal fot youth*, out. 30, 1959).
- » *Compilações de manuscritos*: Devem aparecer no texto como: (Ellen G. White, *Manuscript Releases*, v. 1, n. 20, p. 37).

Citações de Pais da Igreja

Algumas obras de autores conhecidos como os Pais da Igreja, sendo esses pré ou pós nicenos, também possuem uma maneira peculiar de formatação para as citações de suas obras. Devido às variedades de trabalhos e a falta de uma divisão sistemática comum a todos os escritos, é preferível, primordialmente, que sejam citados o Nome e a Obra original do autor. As divisões de algumas obras talvez possam variar na especificação das citações; independentemente dos Livros, Capítulos e Parágrafos apresentados, todos devem ser enumerados de maneira decrescente da esquerda para direita: Livro, Capítulo, Parágrafo. O número do Livro deverá aparecer sempre em algarismos romanos. Exemplo:

98

No texto:

Neste caso, a citação de Xenofonte está na obra *Cyropaedia*, Livro 4, Capítulo 1, parágrafo 8.

Segundo Xenofonte (*Cyropaedia*, IV.1.8), “os assírios, por outro lado, ao passo que perdiam seu general e, com ele, quase todos os seus melhores homens, encontravam-se desanimados e muitos chegaram a fugir do campo, no decurso da noite”.

A citação ainda poderia ser:

Os assírios, por outro lado, ao passo que perdiam seu general e, com ele, quase todos os seus melhores homens, encontravam-se desanimados e muitos chegaram a fugir do campo, no decurso da noite (Xenofonte, *Cyropaedia*, IV.1.8).

Outro exemplo:

Aqui, o nome do autor virá dentro dos parênteses.

Eusébio (*The Church History*, I.14.5) chega a declarar:

To these things all the Asiatic churches testify, as do also those who, down to the present time, have succeeded Polycarp, who was a much more trustworthy and certain witness of the truth than Valentinus and Marcion and the rest of the heretics.

Citação para documentos pontifícios

Para qualquer documento pontifício a lógica segue o mesmo modelo das citações de cartas e manuscritos de Ellen G. White. Haverá apenas a adição de algumas peculiaridades de divisão semelhantes às obras dos Pais da Igreja, como capítulo e parágrafo. Porém, quando possível, a data específica da declaração deverá ser especificada. Exemplo:

No texto:

O nome João Paulo II poderia vir dentro dos parênteses, caso fosse necessário.

João Paulo II (*Dies Domini*, 31 mai., 1998, 2.19) descreve o motivo primordial da guarda do domingo, ao alegar: “Nós celebramos o domingo, devido à venerável ressurreição de nosso Senhor Jesus Cristo, não só na Páscoa, mas inclusive em cada ciclo semanal’: assim escrevia o Papa Inocêncio I, nos começos do século V”.

Citações de textos bíblicos

A Bíblia pode ser citada tanto dentro de trabalhos de pesquisa das áreas de Teologia e Ciências da Religião quanto em diversas outras ciências, portanto se faz preciso padronizar a forma de se referenciar tal material. Alguns consideram que ela deva ser tratada como um livro qualquer e referenciados dessa forma. Entretanto, consideramos que ela deva ser tratada como universalmente é conhecida, como um documento único e com características de citações próprias. Portanto, seguiremos neste manual o padrão mais aceito internacionalmente.

Quando se citar um livro bíblico diretamente, ele deverá ir fora do parênteses será escrito de forma completa. Entretanto, quando a citação for indireta ou precisar ir dentro de um parenteses, sempre se optará pela abreviação em duas letras e sem pontos (segundo sempre a lista de siglas encontrada na Bíblia Almeida Revista e Atualizada).

No texto:

Em conformidade com Hebreus 10:25, devemos nos reunir como igreja para comemorar a graça concedida por meio da morte (Lc 23:44-49) e ressurreição (Mt 28:1-10) de Jesus Cristo.

Note a diferença do texto bíblico dentro e fora do parenteses.

Sempre que for preciso se disponibilizar informações referentes a tradução utilizada na citação bíblica (por exemplo, quando existir diferença entre uma tradução e outra e

isso for objeto de estudo), se colocará a informação referente a versão no corpo do texto ou dentro do parênteses. Em nenhuma momento se fará referência dos textos citados no trabalho, eles devem apenas constar no corpo do texto e não no final do trabalho.

No texto:

Em Isaías 45:7, segundo a versão Almeida Corrigida e Revisada Fiel (ACRF), temos a seguinte citação: “Eu formo a luz, e crio as trevas; eu faço a paz, e crio o mal”. A problemática que se surge desse texto é acerca da autoria do mal da parte de Deus. Em outra tradução, a Nova Versão Internacional (NVI) afirma que, na verdade, Deus causaria “a desgraça” e não “o mal”. Entretanto, parece que o problema continua a existir.

Nenhuma se fará nenhuma referência ao texto bíblico citado. Todas as informações necessárias já foram colocadas aqui.

Eu sou o Senhor, e não há nenhum outro; além de mim não há Deus. Eu o fortalecerei, ainda que você não tenha me admitido, de forma que do nascente ao poente saibam todos que não há ninguém além de mim. Eu sou o Senhor, e não há nenhum outro. Eu formo a luz e crio as trevas, promovo a paz e causo a desgraça; eu, o Senhor, faço todas essas coisas (Is 45:5-7, NVI).

Note a forma como se faz uma citação direta da Bíblia, ela segue o mesmo padrão mostrado anteriormente.

6.3 Outras regras importantes de estilo

Uso de siglas no texto

Quando mencionada pela primeira vez no texto, deve ser indicada entre parênteses, precedida do nome completo (ABNT 14724, 2005). Entretanto, algumas siglas são mais conhecidas por elas mesmas do que pelo significado que possui, nesses casos a sigla não precisará ser explicada (Ex.: MEC; Capes; CNPq entre outros). Uma sigla só irá em caixa alta se está tiver até três letras ou quando cada uma de suas letras ou parte delas é pronunciada separadamente (Ex.: PUC; MEC; GLST), nos demais casos ela terá apenas a primeira letra maiúscula (Ex.: Unesp; Unasp; Unifesp).

No texto:

A Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) pertence geografica e administrativamente ao campo da União Central Brasileira (UCB).

Outro exemplo:

Com a autorização concedida pelo Presidente da Republica, Rodrigo Follis, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDES) poderá ajudar financeiramente o Museu de Arte de São Paulo (Masp).

Capa

Segundo a ABNT 15287 (2005), capa é a proteção externa do trabalho sobre a qual se imprimem as informações indispensáveis à sua identificação. Essas informações devem ser transcritas na seguinte ordem: nome da entidade para a qual o trabalho deve ser submetido; nome do(s) autor(es) em ordem alfabética; título; subtítulo (se houver); local (cidade) da entidade a qual deverá ser apresentado; ano de entrega. Letras no tamanho 12, exceto no título, que deverá ser 14. Todas as letras maiúsculas e só o título em negrito. Não se exige a confecção de capas para artigos científicos, resumos e resenhas.

101

Sumário

A palavra “sumário” é centralizada, com a mesma tipologia da fonte utilizada para as seções primárias (ABNT 6027, 2003). O tamanho da letra para o título é 12, para os demais títulos dentro do sumário é 11, todas em negrito e letras maiúsculas. Quanto houver subtítulo, a numeração continuará junto à margem, em letras minúsculas, exceto nomes próprios. Os indicativos das seções são alinhados à esquerda. Os títulos e os subtítulos sucedem os indicativos das seções. Recomenda-se que sejam alinhados pela margem do título do indicativo mais extenso (ABNT 6027, 2003). Não se exige a confecção de sumários para artigos científicos, resumos e resenhas.

6.4 Onde encontrar mais informações

Sabemos que nenhum manual de estilo e de formatação das produções científicas estará completo e conseguirá abarcar todos os problemas apresentados em um trabalho científico. Entretanto, acreditamos que nesse manual estão contemplados pelo menos os casos mais frequentes.

Manual de trabalhos acadêmicos

Sempre que você se deparar com informações que não estejam aqui contempladas, procure conversar com outros pesquisadores de sua área, com seu orientador ou com uma bibliotecária. Eles terão boas dicas e poderão te ajudar a enfrentar o desafio de citar uma fontes e/ou documento que se encontra no grupo das excessões.

Também indicamos que você conheça todos os manuais do Unasp sobre metodologia de pesquisa, os quais podem ser lidos através do seguinte link: <http://www.unasp-ec.edu.br/academico/assessoria/pesquisa-universitaria/>. Neles você terá maiores subsídios para construir seu projeto de pesquisa e também para realizar seu trabalho de finalização de curso.

QWERTYUIOPLJHGFDSA ZXC VBNMQW
FDSA ZXC VBNMQW MRTYUIOPLKJHGFD
ERTYUIOP IJKLGFDSA ZXC VBNMQW
GFDSA ZXC **Referências** YUIOPLKJHG
QWERTYUIEPLKJHGFD SA ZXC VBNMQW
FDSA ZXC VBNMQW ERTYUIOPLKJHGFD
ERTYUIOPLKJHGFD SA ZXC VBNMQWE
FDSA ZXC VBNMQW ERTYUIOPLKJHGFD
ERTYUIOPLKJHGFD SA ZXC VBNMQWE
FDSA ZXC VBNMQW ERTYUIOPLKJHGFD
ERTYUIOPLKJHGFW SA ZXC VBNMQW
GFDSA ZXC VBNMQ I ERTYUIOPLKJHG

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6028. **Informação e documentação – resumo – apresentação**. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

_____. NBR 6023. **Informação e documentação - Referências - Elaboração**. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

_____. NBR 6024. **Informação e documentação – numeração progressiva das seções de um documento escrito – apresentação**. Rio de Janeiro: ABNT, 2003.

_____. NBR 6027. **Informação e documentação - sumário - apresentação**. Rio de Janeiro: ABNT, 2003.

_____. NBR 14724. **Informação e documentação – trabalhos acadêmicos – apresentação**. Rio de Janeiro: ABNT, 2011.

_____. NBR 15287. **Informação e documentação – projeto de pesquisa – Apresentação**. Rio de Janeiro: ABNT, 2005.

APPOLINÁRIO, F. **Dicionário de metodologia científica**: um guia para a produção do conhecimento científico. São Paulo: Atlas, 2009.

ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

104

AZEVEDO, I. **O prazer da produção científica**: descubra como é fácil e agradável elaborar trabalhos acadêmicos. 12 ed. São Paulo: Hagnos, 2001.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BAPTISTA, M. N.; CAMPOS, D. C. **Metodologias de pesquisa em ciências**: análise quantitativa e qualitativa. Rio de Janeiro: LTC, 2007.

BAQUERO, M. **A pesquisa quantitativa nas ciências sociais**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. **A metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Pearson Hall, 2007.

COMTE, A. **Curso de filosofia positiva; Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo; Catecismo positivista**. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

COSTA, F. S. (Org.). **Manual para projeto de pesquisa**. Engenheiro Coelho: Unaspres, 2012. (Metodologia de pesquisa Unasp, 3).

_____. Geografia, pequena história crítica. **Acta Científica**, v. 20, n. 2, p. 135-138, 2001.

ECO, U. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

ESPIRITO SANTO, A. **Delineamento de metodologia científica**. São Paulo: Loyola, 1992.

FACHIN, O. **Fundamentos de metodologia**. São Paulo, Atlas, 2005.

FOLLIS, R. *et al.* **Técnicas e métodos de ensino**. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2011. (Metodologia de pesquisa, 5).

GIL, A. C. **Projetos de pesquisa**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONSALVES, E. P. **Iniciação à pesquisa científica**. 2. Ed. Campinas: Alínea, 2001.

GRANGER, G. C. **Filosofia do estilo**. São Paulo: Perspectiva/Edusp, 1974.

JAPIASSU, H.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

JUNIOR, J. M. **Como escrever trabalhos de conclusão de curso**: instruções para planejar e montar, desenvolver e apresentar trabalhos monográficos e artigos. São Paulo: Vozes, 2011.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

_____. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2000.

_____. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1999

MEDEIROS, J. B. **Redação científica**: a prática de fichamentos, resumos e resenhas. São Paulo: Atlas, 2010.

_____. **Redação científica**: a prática de fichamentos, resumos e resenhas. São Paulo: Atlas, 2004.

MOLES, A. **A criação científica**. São Paulo: Perspectiva, 1981.

PEDRON, A. J. **Metodologia científica**: auxiliar do estudo da leitura e da pesquisa. Brasília: edição autor, 1999.

REY, L. **Como redigir trabalhos científicos**. São Paulo: Edgard Blucher, 1978.

SALOMON, D. V. **Como fazer uma monografia**. Belo Horizonte: Interlivros, 1972, 1999.

SALVADOR, A. **Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica**: elaboração de trabalhos científicos. 8. Ed. Porto Alegre: Sulina, 1980.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SPECTOR, N. **Manual para a redação de teses, projetos de pesquisa e artigos científicos**. 2. ed. Rio de Janeiro : Guanabara Koogan, 2001.

STRAUSS, A. L.; CORBIN, J. **Pesquisa qualitativa**: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento. São Paulo: Artmed, 2008.

WHITE, E. G. **Educação**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008.



ACTA CIENTÍFICA



UNASP

*Todo o conteúdo da revista agora na internet
Acesse <http://www.unasp.edu.br/actacientifica>*

Conheça nossa loja virtual
<http://unaspress.unasp.edu.br>